

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

NATASHA PEREIRA FIORIN

**A INTENCIONALIDADE NA PRÁTICA COM DESENHO PARA CRIANÇAS DO
1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

CAMPINAS

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NATASHA PEREIRA FIORIN

A INTENCIONALIDADE NA PRÁTICA COM DESENHO PARA CRIANÇAS DO
1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau Licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Eliete Aparecida de Godoy

CAMPINAS

2023

Reservado para ficha catalográfica

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NATASHA PEREIRA FIORIN

**A INTENCIONALIDADE NA PRÁTICA COM DESENHO PARA CRIANÇAS DO
1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de conclusão de curso defendido
e aprovado em 05 de Dezembro de 2023
pela comissão examinadora:

Eliete Aparecida de Godoy

Prof(a). Dr(a).

Orientadora e presidente da comissão
examinadora.

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas.

Magali Aparecida Oliveira Arnais

Prof(a). Dr(a).

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas.

CAMPINAS

2023

Dedico a Deus por tudo que fez em minha vida.

Aos meus familiares, por me apoiarem em todos os momentos dessa caminhada na graduação.

Aos professores, às crianças, jovens e adultos, a quem tive a honra de conhecer e aprender muito sobre o conhecimento e a importância dessa profissão.

Ao meu namorado, pela paciência e apoio.

E as amigadas que até aqui fiz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, a Virgem Maria, a São José e ao Anjo da Guarda, pela oportunidade de ter realizado um sonho de cursar a faculdade de pedagogia.

Enorme emoção e gratidão poder ter apoio da minha família que me ajudou, estando por perto, mesmo diante de alegrias, dos medos, das dificuldades e das conquistas. Lembro de todo o percurso de acordar cedo e chegar tarde da noite, minha avó que todos os dias me esperava com o jantar. Isso me ajudava demais. Ao meu namorado que também me ajudou muito, tendo paciência e apoio nas questões que não eram da área dele, ele sentava e conversava comigo. Foi um verdadeiro companheiro.

Com certeza, gratidão eterna aos meus queridos professores e professoras da universidade (Eliete, Alessandra, Luiza, Fernanda Taxa, Maria das Graças, Magali, Fernanda Furtado, Donizeti, Arnaldo, Berenice, Camila, Vera, Gustavo, Maria Inês, Cássia e entre outros), muito obrigada. O que dizer de vocês? Que estiveram à frente da minha formação, com certeza uma parte daquilo que sou hoje, tem grande influência no cuidado e zelo que vocês transmitiram durante os semestres e isso impactou na minha vida. Toda vez que paro e reflito sobre a Natasha que eu era em 2020 e em quem eu sou em 2023, vejo mudanças positivas. Uma construção do ser humano que me faz refletir sobre quem eu sou, qual o significado de eu ser pedagoga, o que a minha vida interfere no indivíduo que estará conhecendo o mundo. Agradeço às crianças que tive o privilégio de conhecer e todos os profissionais de educação.

Finalizo com a seguinte afirmação, a quem me pergunta se vale a pena ensinar, eu digo sim. Sim, ao mundo que tanto precisa refletir sobre as realidades que o cerca. Refletir e agir, agir para um olhar mais humano, longe da desigualdade, preconceitos e indiferenças e assim sigo dando a quem me pede um pouco mais de vida, o conhecimento.

“O conhecimento é a única ferramenta de que o homem dispõe para
melhorar sua existência.”

Severino

(Ed. 23, ano 2007)

RESUMO

FIORIN, Natasha Pereira. **A intencionalidade na prática com desenho para crianças do 1º ano do ensino fundamental I.** 2023, 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia-Faculdade de Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Campinas-SP, 2023.

As contribuições e experiências envolvendo desenhos no trabalho pedagógico do professor, com crianças, é fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem desses sujeitos no seu processo de ensino. Esta investigação tem como objetivo compreender a importância da intencionalidade na prática educativa com a linguagem, especificamente o desenho, envolvendo as crianças do 1º ano no ensino fundamental I. E para alcançar esse objetivo foram realizadas entrevistas com o cunho qualitativo envolvendo relatos das professoras que são formadas em pedagogia e que atuam no 1º ano dos anos iniciais, na cidade de Campinas. Os resultados evidenciaram que na faixa etária pesquisada, a linguagem que mais é evidenciada é a linguagem gestual, de corporeidade, movimento do corpo, percebida pelos sentidos (visão, audição, tato e olfato e paladar) que se manifestam nas brincadeiras, na expressão, criação, musicalização, imagens, arte, na coordenação motora e cognitiva, já que essa criança é vinda da educação infantil. A importância da prática com desenho, é que as crianças necessitam se expressar e por essa prática representam aspectos da cultura, da história, de coisas que já assistiram, da família, manifestam sentimentos e expressões, criam e aprendem noções de espaços, fazem uso de cores e etc. Porém há crianças com repertório limitado e que se faz necessário o olhar atento do professor para as particularidades, aos recursos que as escolas oferecem, para benefício do sujeito e que o mesmo possa construir e entender a realidade que o cerca. No 1º ano há a alfabetização da representação das letras, frases e a representação gráfica do desenho pode ser um aporte para a exploração, aprendizagem e desenvolvimento da escrita. Considera-se que os dados obtidos com a pesquisa mostram que as linguagens são meios de comunicação e que devem ser sempre estudadas e exploradas pelo professor. É pela linguagem gráfica do desenho que as crianças podem apresentar muitos aspectos positivos se forem abordados com o professor de na prática intencional, ou seja, que tenha um significado e uma proposta pedagógica, podendo interferir nas relações desse sujeito, na autonomia, nas decisões e no senso crítico.

Descritores: Prática com desenho; Aprendizagem; Intencionalidade; Alfabetização.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

DCNs - Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I - O DESENHO COMO PRÁTICA EDUCATIVA INTENCIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
1.1 Definição de infância e criança	20
1.2 O desenvolvimento da aprendizagem da criança no primeiro ano do ensino fundamental I, na perspectiva histórico-cultural	22
1.3 O que é linguagem e pensamento?	25
1.4 As linguagens e representações na primeira infância	27
1.4.1 O desenho como representação na infância	29
1.4.2 Intencionalidade na prática educativa do professor com a linguagem, especificamente o desenho	30
1.4.3 O desenho e o processo de alfabetização	34
CAPÍTULO II - DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	37
2.1 A pesquisa, tipo e método	37
2.2 Contexto e participantes	38
2.3 Técnicas e procedimentos para coleta de dados	38
CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
3.1 As participantes - dados sociodemográficos	42
3.2 A percepção das linguagens	43
3.3 A importância das práticas com desenhos	46
3.4 O repertório restrito	47
3.5 A intencionalidade na mediação	50
3.6 Relação do desenho com o desenvolvimento da escrita pela criança	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICES	63

MEMORIAL ACADÊMICO

Com grande alegria escrevo esse memorial sobre minha trajetória acadêmica-profissional e pessoal. Tenho muito orgulho e me emociono.

Meu nome é Natasha Pereira Fiorin, nascida em Paulínia, atualmente vivo com meus pais, duas irmãs e minha avó.

Meus pais se conheceram no ano de 1997 e foram morar juntos. Em 1998, eu nasci, sendo a primeira filha e neta. Morávamos na mesma casa que meus avós paternos, que trabalhavam muitos anos em plantações na roça.

Na minha infância, não frequentei creche, minha mãe cuidava de mim em casa. Aos quatro anos de idade, comecei a frequentar a EMEI, lembro-me muito pouco dessa época, tenho algumas fotos, porém gostava muito, acordava cedo e utilizava o ônibus escolar. O mesmo logo cedo, vinha até próximo da minha casa que era afastada do bairro. Nas brincadeiras na escola, gostava muito de escorregar de papelão, das festas juninas, festa do dia dos pais, fazer massinha, brincar no parque, das refeições eu amava quando era macarrão e entre outras atividades.

Quando iniciei na primeira série do ensino fundamental, foi tudo diferente. A escola era nova, tive medo do que me esperava, pensava como era a professora, será que teriam brincadeiras e quem seriam meus amigos. Essas reflexões me deixava tensa e em alguns momentos chorava.

Aos poucos essa insegurança passou. Na segunda etapa do ensino fundamental, ao ingressar na quinta série, mudei de escola novamente e fiquei lá até a oitava série na época.

No ensino infantil e fundamental, em todas as instituições que estudei foram públicas municipais, no período da manhã. Era muito bom, não me lembro de ter faltado nada em relação a materiais ou estrutura.

Em minha adolescência comecei a frequentar a igreja católica, fiz catequese, completei a primeira comunhão e ajudava com as crianças da pré-catequese. Muitas coisas passavam na minha cabeça, toda aquela mudança física e intelectual do pré-adolescente, mas ainda brincava muito com meus primos na casa da minha avó.

Lembro-me como se fosse hoje, quando meus primos menores dormiam em casa, sempre gostava de arrumar a varanda da minha avó, com lousa, giz e apagador, colocava os baldinhos como cadeiras e lá ensinava, passava lição para as

minhas primas. Quando reunia a família preparávamos uma apresentação com música, meu sonho era ser professora.

Após essa época, no ano de 2013 mudei de escola para iniciar o primeiro ano do ensino médio em uma escola pública estadual, a situação da escola era péssima.

A instituição estava embaixo de uma arquibancada do Sambódromo da cidade, o espaço era emprestado da prefeitura e por anos não faziam uma manutenção, as paredes por dentro eram pré-moldadas com isopor e com o tempo, sem cuidados, foram encontrados vários escorpiões, assustando a todos. O grêmio estudantil da escola, fazia greves das aulas para lutar pelo direito de uma escola digna.

Não tinha refeitório, o lanche chegava em caixas e eram distribuídos em uma sala que foi adaptada para o momento do intervalo. Tivemos muitas aulas vagas de filosofia e sociologia. Os alunos eram adolescentes/jovens, aprontavam com os professores. Lembro um dia que colocaram uma pilha de cadeiras para que quando o professor entrasse na sala derrubasse tudo. Um perigo.

Não tinha quadra para educação física, tínhamos que jogar bola no estacionamento dos carros. Nesse primeiro ano do ensino médio, foi uma situação precária, porém algumas amizades marcam nossa história e nada é por acaso, conheci minha amiga Paloma que temos amizade até hoje, nos falamos, nos vemos, fui madrinha de casamento dela, isso me marcou.

Ainda nesse ano fiz um curso de espanhol, oferecido gratuitamente em outra escola estadual. Sempre fui muito ativa nas coisas. Tudo que era curso oferecido gratuitamente na minha cidade, minha mãe me incentivava. Fiz curso de coral, curso de violão, iniciei teatro, capacitação de jovem aprendiz. Sou feliz por ter tido essas oportunidades.

No segundo ano do ensino médio, a escola conseguiu um prédio melhor, na faculdade da cidade, de manhã a instituição emprestava o prédio para a escola e durante a noite funcionava a escola.

Ali já era bem melhor a estrutura, porém não tinha refeitório e não lembro de ter educação física, eram somente salas de aula e o intervalo era no pátio. Foi um momento de experiências, conhecimentos, outros tipos de apresentações dinâmicas, autonomia dos estudantes, o pronunciamento dos alunos, opiniões, crenças, valores, tantas coisas.

Tínhamos as chapas do grêmio estudantil, para ter uma equipe de alunos junto com a equipe pedagógica, a escolha desses alunos era por votação.

Neste ano, estava muito indecisa no que iria prestar de vestibular no próximo ano, aquela imagem que tinha de ser professora já não estava tão radiante como antes e outras coisas já me faziam questionar.

No último ano fiz um cursinho e sem decidir ainda, imatura, prestei a prova do Enem e de alguns vestibulares para os cursos de Odontologia da (Uniararas) e Nutrição (Metrocamp).

Em Janeiro saiu o resultado do Enem e sem saber do resultado desses vestibulares, usei a prova do Enem para me inscrever em alguma faculdade que minha pontuação alcançasse.

Aflita por ter terminado o ensino médio, sem trabalho, pressionada pela família a fazer alguma coisa, decidi arriscar e foi então que consegui uma bolsa cem por cento no curso de tecnólogo de logística na faculdade de Americana (FAM).

Fiz os dois anos do curso, a cidade oferecia o transporte fretado gratuito. Durante o curso, eu cumpria meus deveres e até então parecia agradável. Na expectativa de ter um trabalho, mandava currículo e nada.

Minha auto estima estava baixa, devido a idade de dezessete anos, era muito difícil psicologicamente. Até que no final do último semestre, após ser reprovada na prova de direção de carro, fiquei muito feliz em ser chamada a trabalhar como jovem aprendiz em uma empresa de transportes.

Tímida e sem experiência nenhuma, meus primeiros dias foram desafiadores, mas graças a Deus com o tempo fui aprendendo e conquistando confiança e perguntando. Foi um tempo muito bom, finalizei o curso de logística e tenho certeza que foi isso que abriu as portas de emprego e em dois anos me dediquei cem por cento à empresa, fui efetivada.

Até que um dia minha mãe me disse que eu estava acomodada, precisava estudar. Foi então que me “deu cinco minutos” e decidi refletir sobre a minha vida, sobre as coisas que eu ainda queria, sobre o meu futuro.

Logo iniciei pesquisas na internet sobre as profissões e me deparei com a pedagogia novamente. Planejei meu salário que daria para pagar a mensalidade inteira, e não sobraria nada. Ainda bem que o transporte universitário era gratuito.

Quando fiquei adulta, sempre me questionava sobre a minha educação. Sempre fui uma criança quieta, sempre passava de ano, nunca tive problemas de

comportamento na escola mas não me sentia protagonista, porque tudo para mim estava bom e não questionava o andar das coisas.

A escolha do curso de pedagogia foi para o amadurecimento em relação ao conhecimento, para me reinventar e olhar para as realidades com motivação de plantar a semente da educação. No final de dois mil e dezenove, decidi que iria fazer prova na PUC-Campinas e em dois mil e vinte iniciei meus estudos.

Para mim tudo era novo, já fazia dois anos que não pegava em um caderno. Ao me deparar com a universidade, muitas coisas eram confusas, mas fui tão bem recebida pelas meninas do último ano. Era algo inacreditável estar lá.

Trabalhando e estudando presencialmente, foi uma correria danada naqueles meses, de fevereiro e até metade de março.

De repente do nada, recebemos uma notícia de uma pandemia mundial e naqueles dias sem muitas certezas, fomos afastados. Tive a oportunidade de trabalhar remotamente em dias alternados e as aulas da universidade ocorreram também adaptadas remotamente. E assim seguimos durante o ano de dois mil e vinte e o ano de dois mil e vinte um.

Tivemos que aprender a usar programas de computador, vídeos aulas, preparar material de apresentação, entre outros. Eu agradei muito a Deus por essas oportunidades, tantas pessoas foram despedidas de seus empregos, tantas coisas aconteceram. Eu continuei trabalhando e pagando a faculdade com o meu salário.

Fizemos o estágio remoto com professoras que vinham palestrar nas aulas noturnas suas vivências e experiências na educação infantil creche e na pré escola observamos a sala de aula remotamente com vídeos disponibilizados das aulas remotas. Foram momentos desafiadores, tínhamos que registrar tudo.

Foram muitas coisas que aprendi no curso, introdução à educação, filosofia, antropologia, direito à educação, psicologia, alfabetização, entre outros. Em dois mil e vinte um, consegui uma porcentagem de bolsa e isso me ajudou muito.

No final de dois mil e vinte um, já sabia que no próximo ano as escolas estariam recebendo estagiárias e que o estágio obrigatório teria que ser presencial. Comecei a ter um pouco de ansiedade, pois sabia que esse momento chegaria e teria que tomar a decisão de buscar outro emprego.

Foi então que coloquei em minhas orações essa decisão importante e acredito que tudo em minha vida, Deus escutou meu clamor.

Em Janeiro de dois mil e vinte dois, me desliguei do emprego na transportadora e iniciei atividades num colégio católico particular, o estágio remunerado e também as aulas da universidade voltaram a serem presenciais. Com o salário conseguia pagar a mensalidade. No começo, eu fiquei muito feliz. Pegava quatro ônibus, caminhava, trabalhava seis horas, levava marmita. Minha vida mudou completamente durante aqueles dias. Oferecia a Deus meu cansaço e dores.

Nesse ano vi pessoalmente a Michelly e a Amanda na faculdade, pois elas entraram pelo prouni. Eu nunca tinha visto elas, já que começaram no segundo semestre e na pandemia, já era tudo online. E então nos conhecemos pessoalmente, sempre fizemos os trabalhos juntas.

Fiquei muito feliz por terem me contratado, mesmo sem experiência no ramo da educação, tentei dar o meu melhor no estágio, colocar em prática as coisas que aprendia em sala de aula.

Lá ficava com a turma da faixa etária de cinco anos, a professora me dava autonomia e sempre me ajudava. Nessa escola vivi experiências boas, sempre colocava em minha mente que devia cumprir meu dever, sem corpo mole. Fiquei durante um ano lá, fiz meus estágios obrigatórios no primeiro e quinto ano.

A diretora e orientadora eram flexíveis, quando precisei conversar, elas se dispunham a me atender. No final do ano, decidi que iria procurar outra escola quando terminasse o contrato de estágio. A distância era muito cansativa da minha casa até o colégio.

Em Dezembro de dois mil e vinte dois, finalizei meu ciclo na escola e me desliguei. Fiquei um mês desempregada. Nesse ano de dois mil e vinte e três, iniciei como auxiliar no colégio particular em Campinas com as turmas do primeiro ano do ensino fundamental I. Na faculdade meus amigos de caminhada continuaram sendo os mesmos. A Michelly que já conhecia e o Sylvio, e nesse grupo partilhavam de desafios, trabalhos, risadas.

E com isso continuo o processo de pesquisa, dando início a meu trabalho de conclusão de curso. Colocando em ênfase o tema: As contribuições e experiências envolvendo desenhos no trabalho pedagógico do professor, com crianças do primeiro ano do ensino fundamental I, baseada na curiosidade que tive em meu estágio presencial, porém em uma faixa etária diferente do estágio.

INTRODUÇÃO

A presente monografia, feita a partir de observações, leituras, análises e reflexões, tem como tema: "As contribuições e experiências envolvendo desenhos no trabalho pedagógico do professor, com crianças do 1º ano do ensino fundamental I."

A criança desde o nascimento é estimulada pela fala do adulto a se comunicar, dessa maneira ao decorrer de seu crescimento reproduz gestos, balbucios de sons, imitações, entre outros. Isso contribui para o desenvolvimento físico e intelectual desse indivíduo, que tem como sua principal atividade durante o período da infância, a brincadeira.

Nas brincadeiras, estão presentes as práticas artísticas na música, na dança, nos desenhos. Ao observar essas práticas, estão expressos vários significados para a criança. A mesma usa a imaginação, a criatividade, a ludicidade e as relações de pensamento e linguagem entre as próprias crianças e com os adultos, por essas ações é possível explorar e apropriar-se do mundo que a cerca.

Ao refletirmos nesse sentido de aprendizagem, um autor comentado durante esse trabalho será Liev Semionovitch Vigotsky, [...] leitor ávido e assíduo no campo da linguística, das ciências sociais da psicologia, da filosofia e das artes. [...] Vigotski, L.S. (1998 apud 2003, p. 4), nascido em 1896-1934. Seus estudos referentes à psicologia do desenvolvimento, acrescentaram muito na teoria da educação, principalmente com o foco de seus estudos nas relações sociais. Para Vigotski, o homem cresce e se desenvolve a partir das relações com a sociedade e para isso, precisa se comunicar. A linguagem e o pensamento estão diretamente vinculados ao tema do desenho como prática pedagógica intencional.

O desenho, é uma forma de linguagem e expressão que envolve os sentidos (visão, olfato e tato), a imaginação, os desafios, a criatividade, os aspectos histórico-culturais, o desenvolvimento motor e cognitivo do pensamento da criança.

Nesse sentido, o estudo a seguir irá explorar no primeiro capítulo, o que é a infância e criança, desenvolvimento da aprendizagem da criança no primeiro ano, o que é a linguagem e pensamento a partir da base teórica de Vigotski e Piaget, as linguagem e representações na primeira infância, o desenho como representação na infância, intencionalidade na prática educativa do professor com a linguagem,

especificamente o desenho e o processo de alfabetização, base teorias de autores como Lowenfeld, Pillar e Luria. No capítulo dois, será desenvolvida a pesquisa com a metodologia, técnicas e procedimentos das informações coletadas. E no capítulo três será a discussão e análise dos resultados obtidos.

O tema se justifica, no encanto pela arte, expressão e criação, assim pelos estudos mediados nas disciplinas estudadas durante o curso de formação para docência, junto com a percepção pessoal de vivência no estágio presencial, para o acadêmico gerar pesquisa e discussão do tema e no campo profissional pela transmissão do conhecimento e por uma prática significativa. Com esse entusiasmo, juntamente com o olhar atento, a pesquisadora durante a realização do estágio presencial na sala de aula de educação infantil (com crianças de cinco anos de idade). Observou-se que a pedagoga fazia uso dessas práticas envolvendo e valorizando o desenho, mas devido a rotina poucas vezes foi possível conversar para melhor compreender sobre a temática.

Esta experiência foi o impulso para busca de aprofundamento sobre o assunto do desenho, dando maior ênfase e importância ao que os estudiosos, especialistas da área ao longo do tempo têm a dizer sobre o assunto e como é necessário pensar essa prática nesta etapa do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos que se encontram no primeiro ano do ensino fundamental I.

Porém, observa-se que nas instituições de ensino nem sempre há uma valorização para foco das discussões voltado para esse tema e no pouco tempo de formação, são exploradas outras questões que também são importantes na escola.

Torna-se comum os educadores deixarem que a professora especialista de artes tenha a responsabilidade a essa questão do desenho. Às vezes fazem uso para preencher o tempo com o desenho livre. Não há significado para a criança ou mesmo há ausência da mediação e avaliação, ou seja, não há intencionalidade ou planejamento para essa prática.

Acredita-se que esse trabalho seja uma oportunidade de entender melhor como o pedagogo pode estar atuando, se capacitando e desenvolvendo experiências no seu trabalho pedagógico, fazendo uso de práticas criativas por meio do desenho com as crianças. Considerando o desenvolvimento de áreas motoras e

cognitivas, estimulando a concentração, o pensamento crítico dentro e fora de sala de aula, entre os alunos, professor e a comunidade.

O objetivo geral deste estudo foi compreender a importância da intencionalidade na prática educativa com a linguagem, especificamente o desenho, envolvendo as crianças do primeiro ano no ensino fundamental I. Essa pesquisa busca responder o problema: Qual a importância das experiências com desenhos para crianças no primeiro ano do ensino fundamental I ?

A partir disso pensou-se nos objetivos específicos assim definidos: conhecer as características do desenvolvimento e aprendizagem das linguagens pelas crianças; compreender o uso inicial do desenho como um recurso e aporte para o questionamento, exploração e representação gráfica e escrita pela criança, na perspectiva histórico-cultural.

A metodologia, definida para o estudo sobre o tema, foi a pesquisa de campo, qualitativa, em que teve como motivação coletar dados pela entrevista semi estruturada sobre práticas de professoras que atuam no 1º ano. Os assuntos explorados foram qual a compreensão que elas têm sobre as linguagens, se a representação gráfica do desenho tem importância no 1º ano, como é feita a prática do desenho com as crianças em sala de aula e se essa prática é um auxílio para o processo de escrita e desenvolvimento de ensino e aprendizagem.

A pesquisa se apresenta em três capítulos. O primeiro tem base teórica no estudo de artigos coletados na plataforma CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Para desenvolver esse estudo, o parâmetro foi a busca por linguístico serão as publicações dos dez últimos anos de pesquisas em português. Sendo levantados trabalhos científicos de vários autores, de fontes confiáveis publicadas em biblioteca virtual, como a Pearson em base de dados como Scielo, periódicos CAPES. E por fim, também serão consultados em documentos oficiais e capítulos de livros.

No segundo capítulo, terá abordagem qualitativa, objetivos exploratórios e entrevista na pesquisa de campo, desempenhados com professoras que atuam na cidade de Campinas - SP. O Capítulo três apresenta os achados do estudo. As leituras deram ênfase aos objetivos da pesquisa que envolve o estudo. Foram selecionados os dados pertinentes e de maneira reflexiva em que buscou-se

questionar os autores para responder à questão problema. Considerou-se uma abordagem aprofundada e interpretativa relacionando as ideias dos autores com a prática em sala de aula voltadas ao trabalho pedagógico. Dessa forma, a análise das respostas teve um olhar crítico para explicar e justificar as informações coletadas e sintetizadas.

CAPÍTULO I - O DESENHO COMO PRÁTICA EDUCATIVA INTENCIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

No capítulo I, haverá a reflexão teórica sobre o que é infância, a criança na perspectiva histórico-cultural e a linguagem e o pensamento, em que se estrutura a pesquisa. Baseado em autores Ariés, Vigotski, Piaget, Viktor Lowenfeld, Pillar e Luria e documentos norteadores, inicia com o intuito de compreender o que é infância e o período da criança, para então propor a importância da intencionalidade na prática educativa do professor com a linguagem, especificamente o desenho, com as crianças de seis a sete anos no primeiro ano do ensino fundamental I.

1.1 Definição de infância e criança

Segundo o livro, "História social da criança e da família", do historiador francês Ariés (1986, p.33), na Idade Média haviam observações de hábitos e experiências, em que termos usados como: "idade da vida" e "idades do homem", já apareciam em tratados pseudocientíficos.

A definição da palavra "Infância", está diretamente relacionada às transformações no decorrer dos anos, associada às diferentes maneiras de viver, pensamentos, faixas etárias, culturas e valores, sendo construída a todo momento na infância. Os indivíduos que vivem nesse período da infância, são as "crianças", que segundo a Lei brasileira nº 8.069, estabelecida no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990), é considerado criança os sujeitos que possuem até 12 anos de idade incompletos.

Na história antes do século XVII, a criança era considerada um adulto em miniatura. Historicamente não se tinha um olhar voltado às necessidades, características e desenvolvimento da criança. As imagens, pinturas e quadros no passado representavam as crianças sem características de crianças. As mesmas tinham que sobreviver no início da vida, logo que começaram a andar e falar já eram

direcionadas ao trabalho junto com os pais, não tinham lugares de fala ou na mesa e eram apenas "homens" reduzidos de tamanho.

Já por volta do século XVIII, começaram a aparecer figuras, imagens e a se pensar bem pouco as crianças no sentido como conhecemos hoje. O livro "História social da criança e da família", de ARIÉS (1986, p. 50-68), traz um exemplo das figuras de crianças que são representadas direcionadas a religião cristã, a chamada iconografia religiosa da infância, são as imagens de anjos e representações do menino Jesus e a Virgem Maria nas passagens bíblicas e mesmo assim com esse reconhecimento, o processo era lento de descobertas direcionada à criança e infância.

No século XX, em 13 de Julho de 1990 no Brasil, a criança foi reconhecida em sua infância. Criou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que introduziu leis voltadas aos direitos básicos para proteção das crianças e adolescentes a viverem dignamente. Assim, consolidou o termo de infância com o objetivo da garantia e proteção desses sujeitos de modo legal na lei, diante dos acontecimentos do dia a dia. No ano de 1998, o Ministério da Educação criou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), que foi uma base referencial para a construção do currículo de ensino de caráter nacional para a Educação Infantil.

O RCNEI (1998, p. 21) define a concepção de criança como: " a de sujeito histórico e social, tendo em vista considerar o contexto histórico, social, econômico, político e cultural no qual as crianças se inserem". Dessa maneira, a criança vive a infância, que é um processo de tempo desde do nascimento até a idade definida pelo documento, baseado em mudanças físicas e psicológicas do indivíduo diante do seu desenvolvimento humano e capacidades de aprendizagens. Esse documento foi criado para reflexão de prática educacional do docente que atua na vivência com crianças de zero a seis anos de idade, levando em consideração a diversidade e diferenças dos povos.

Foi no ano 2010 no Brasil, que as Diretrizes Curriculares definiu a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, MEC SEB, 2010, p.12).

E a partir de então começou-se a pensar no desenvolvimento das fases da vida. Vigotski (2010 p. 691), diz que a partir do momento que o ser humano dá sentido ao que vive e ao meio social, passa então ao processo de humanização e construção da consciência humana, ou seja, a formação do indivíduo, está integrada ao convívio em sociedade, a cultura do povo e a história em que esse sujeito está inserido. Todos esses fatores interferem diretamente para o desenvolvimento desse indivíduo.

A criança já inicia seu convívio em sociedade no momento que nasce, ao contato com sua família, começa a descobrir a cultura e história em que está inserida e logo depois de alguns meses já é submetida ao contexto escolar.

Ao ser inserida no âmbito escolar, continua o processo de ensino e aprendizagem mas de maneira significativa, em que há a ação pedagógica na observação das expressões, interações com as diferentes culturas, texturas, cores, sons, jeitos, traços, linguagens, respeito, diálogos, entre outros. Essas vivências e experiências influenciam na infância e no futuro desse sujeito, que segundo a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Art.6 é direito social de todos ter acesso a moradia, a saúde, a educação, ao lazer, ao trabalho, a segurança, a proteção à infância e entre outros.

1.2 O desenvolvimento da aprendizagem da criança no primeiro ano do ensino fundamental I, na perspectiva histórico-cultural

O ser humano por toda sua vida se desenvolve. O desenvolvimento humano abrange diferentes condições e necessidades que giram em torno das características que o indivíduo possui. Essas necessidades são direcionadas às demandas afetivas, físicas e intelectuais de cada faixa etária, dessa maneira se faz importante compreender os estudos sobre cada fase do ser humano.

Diante disso a Educação Básica Brasileira, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, sancionada em 2013, nos orienta que, a I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, organizada pela educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio.

A primeira etapa da Educação Básica, é a educação infantil. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p.44), a educação infantil é dividida por faixas etárias em: creche (bebês de zero a um ano e seis meses; e crianças bem pequenas de um ano e sete meses a três anos e onze meses) e pré-escola (crianças pequenas quatro anos a cinco anos e onze meses). Ressalta as práticas pedagógicas para o desenvolvimento e aprendizagem nesse período com foco nas interações e brincadeiras relacionadas ao cuidar e educar. Essas crianças vêm do contexto familiar, culturas diferentes, então as propostas são de acolhimento das vivências, ampliação do conhecimento e da diversidade pela socialização com os pares, comunicação e autonomia.

Ao passar pela educação infantil, a criança inicia a próxima etapa do ensino básico, que é o ensino fundamental. Segundo a BNCC (2017, p.57), tem duração de nove anos, atendendo a faixa etária de seis a quatorze anos de idade.

Os três primeiros anos do ensino fundamental I, consideram a prática pedagógica com foco na alfabetização, continuando o uso do letramento e início do sistema de leitura e escrita . Nessa fase da vida, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica - DCNs (2013, p.110) [...] Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a criança desenvolve a capacidade de representação [...], essencial para o conhecimento da leitura, conceitos básicos de matemática e compreensão da realidade.

Entre essas duas etapas da Educação Básica, há a transição que envolve mudanças físicas e intelectuais nas crianças em relação ao meio, as relações de pares e os espaços, que ganham novos focos, assim modificando por exemplo os espaços, a disposição dos materiais, das carteiras, da sala de aula, da rotina, das disciplinas, os tempos e entre outros.

Se faz necessário uma atenção para o acolhimento dessas crianças nessa transição, para que integrando essas etapas possa haver uma adaptação que

busque refletir sobre quem é essa criança, quais suas necessidades, como está sendo essa transição e bem como essas mudanças sejam acompanhadas no concreto da realidade.

Para saber quem é esse indivíduo da primeira infância, o psicólogo e biólogo Piaget (Suíço, nascido 1896-1980), ao longo da vida fez muitas pesquisas sobre o desenvolvimento humano. Em seu livro: "Seis Estudos de Psicologia", Jean Piaget (2012, p.3) nos diz que [...] o desenvolvimento da criança é uma equilibrção progressiva, em que há uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior.[...] ou seja, essa equilibrção psíquica é comparada com o crescimento e a maturidade do corpo e órgãos.

(2012, p. 17-19) [...] A criança de 2 até 7 anos, está constituindo bases do raciocínio com a interação, fantasia, imaginação e jogo-simbólico na função representativa. Essas crianças consideram os adultos como seres fortes, grandes e fontes de ações surpreendentes e descobertas. As intercomunicações, ou seja, de um para outro, são decisivas para a ação e a criança fala de si própria para acompanhar seus jogos e atividades [...].

Nessas etapas cruciais do desenvolvimento humano, o contato com outras pessoas, as relações com pares, a história e cultura de um povo, o modo como se comunicam, como representam e se respeitam, refere-se a educação. A autora Rego, traz a visão de Vigotski (1995, p. 58), afirmando que as funções psíquicas da criança dependem da interação com o meio adequado e ações de adultos que convivem junto com a criança. Assim, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento são desenvolvidas pelo sujeito por seus hábitos sociais de cultura que irão determinar a forma de pensar na sociedade.

Esse pensamento é histórico-social, muito valorizado por Vigotski, devido ao fato do ser humano interagir com o mundo e se tornar capaz de socializar, reconhecendo o meio em que vive, resolvendo e refletindo sobre os problemas, tomando decisões, processando e compreendendo as informações. Nesse pensamento o construtivismo ganha forças e refere-se ao sujeito como capaz de refletir e agir no meio em que vive, não só dando respostas.

O desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo deve ter seu papel histórico, cultural e social. Vigotski em sua obra "Aprendizado e Desenvolvimento,

um processo sócio histórico" (1997, p. 58-61) reforça que [...] ao pensar no desenvolvimento da criança tentamos compreender o que ela já sabe em relação às tarefas do dia a dia e então analisamos as capacidades do conhecimento que a mesma já domina sem a ajuda de outras pessoas. A habilidade de realizar as tarefas sozinhas, Vigotski denomina de Zona de Desenvolvimento Proximal, (ZDP), esse procedimento ocorre com o saber que o indivíduo tem, passa pela mediação do educador e vai para o nível de desenvolvimento potencial em que o saber alcançado é aquele que amplia seus conhecimentos e progride na aprendizagem [...].

Considerando assim, são fundamentais para tornar o sujeito ser humano pertencente a uma sociedade: a linguagem, a interação e o pensamento:

A teoria histórico-cultural compreende o desenvolvimento humano como resultado da apropriação da cultura humana historicamente elaborada, por outras palavras considera que o homem é um ser histórico, resultante de suas relações sociais e culturais, que se desenvolve a partir das interações que faz com o meio a que pertence (SANTOS, 2013, p. 50).

1.3 O que é linguagem e pensamento?

A linguagem e o pensamento fazem parte da comunicação do ser humano. Desde dos povos primitivos, o uso da linguagem está presente em símbolos, desenhos rupestres, gestos, reações, meios de comunicação, expressão de ideias, opiniões sobre as questões da vida, sentimentos, entre outros.

Na obra "Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico" (1997, p. 44-45), Vigotski em suas pesquisas sempre teve interesse na filogênese (desenvolvimento do ser humano em sua espécie) e ontogênese (desenvolvimento do ser humano desde a concepção uterina até fase adulta).

Para entender a história da espécie, o autor encontrou nos estudos produzidos com primatas o funcionamento do intelecto e diversas formas de linguagens. Esses estudos poderiam ser os primeiros a se pensar no pensamento e linguagem do ser humano.

A linguagem é (1997, p. 34) [...] um sistema simbólico básico de todos os grupos humanos [...] ou seja, para que haja comunicação com outras pessoas, o ser humano cria e faz uso dos sistemas de linguagens que organizam a ordem ao real.

Existem muitas possibilidades para a comunicação, além das que já foram citadas, existem outros exemplos como: linguagem de libras para deficiente auditivo (usado gestos com as mãos e também a leitura labial). O Braille para deficiente visual (o sistema de leitura por meio de pontos com relevo capaz de sentir pelo tato os códigos e entender o que se está querendo transmitir). Quando o fenômeno de significado está relacionado ao pensamento verbal, acontece a comunicação.

No livro "Pensamento e linguagem", Vigotski (1991, p.37) diz que há manifestações verbais sem mediação da linguagem. Por exemplo, nos primeiros dias/meses de vida o bebê ao transmitir risadas, sons e movimentos, estão ligados a uma reação social da voz, ou seja, em contato com o social, no meio em que está inserido agora. Outro exemplo quando o bebê balbucia e chora, é um estágio do desenvolvimento da linguagem não verbalizado mas expressado pela reação, para que a mãe perceba que algo precisa de atenção e que aquele bebê está desconfortável.

Esse contato social desde o nascimento é importante para o desenvolvimento da fala do bebê. Ainda afirma:

a criança nasce apenas com as funções cognitivas elementares que se ampliam para as funções complexas a partir do contato com a cultura, o que não acontece automaticamente, mas sim por meio de intermediações de outros sujeitos, sendo essas intermediações responsáveis por formar significados e valores sociais e históricos (Vigotski, 1991, apud Ferrari, 2014, p. 27).

O pensamento é uma ideia que parte de um fenômeno de significado das palavras, sendo este construído na fala e então começa a se consolidar. Segundo Vigotski (1997, p. 46), quando o desenvolvimento da mente da criança adquire estrutura, faz da linguagem um instrumento de lógica para o pensamento. São pelas palavras que o pensamento começa a existir, para solução de problemas e planejamento. Na fase pré-verbal no desenvolvimento do pensamento a criança faz uso de objetos ou meios para alcançar o objetivo.

[...] Em uma determinada etapa do desenvolvimento filogenético (desenvolvimento do ser humano em sua espécie) as trajetórias da linguagem e pensamento se unem e se tornam pensamento verbal e linguagem racional [...]

Vigotski (1997, p. 45), ou seja, é importante o sistema de signos no desenvolvimento do ser humano, pois o que era biológico passa a ser sócio-histórico.

Nessas transformações a criança assimila palavras, objetos, desejos, assimilações por imitação ou necessidades presentes nas reações à fome, sede, sentimentos, dor, etc. Há essa necessidade de fazer o uso de signos entendíveis pela sociedade. Alguns exemplos confirmam essa relação. Vigotski refere que (1997, p.31) quando fazemos uma listagem de controle de itens ou usamos o gps do celular para localização espacial, são exemplos de mediação de signos para ajudar no controle da ação e na memória. Logo após esse estágio, o sujeito inicia com pensamento egocêntrico, curiosidade sobre tudo o que o cerca e início dos porquês, dessa maneira amplia o repertório de vocabulário.

Quando a criança começa a questionar e ter essa necessidade de identificar para nomear os objetos e coisas ao seu redor, logo passa a identificar um signo comum, ou seja, a primeira fase do desenvolvimento da fala infantil, em que a criança consegue descobrir a finalidade simbólica da linguagem. O pensamento e a linguagem estão atribuídos à necessidade de relações para o trabalho na perspectiva de planejar e agir no coletivo. VIGOTSKI (1997, p.46).

1.4 As linguagens e representações na primeira infância

Segundo a lei brasileira nº 13.257/2016, no artigo dois, nos diz, que a primeira infância compreende o período desde do nascimento até os seis anos completos.

Para Piaget, no capítulo "O Desenvolvimento Mental da Criança" (2012, p. 15-16) na primeira infância [...] com o aparecimento da linguagem, as ações são modificadas nos aspectos afetivo e intelectual. Pela linguagem a criança reconstrói suas ações passadas sob formas de narrativas e de antecipação às ações futuras pela representação verbal. A partir de então, com a socialização da ação, interiorização da palavra e aparecimento do pensamento, são alicerces a linguagem interior e o sistema de signos [...].

A linguagem é representada em: conceitual (base em conceitos) e na função simbólica (base nas lembranças de realidade passada), as mesmas se relacionam com as circunstâncias de situações concretas e no conceito em que se está pensando.

Piaget traz a ideia que (1985, p.79), o desenvolvimento da função simbólica se dá em cinco maneiras: pela imitação diferida (criança imita a ação do adulto ausente); pelo jogo simbólico (criança brinca de faz-de-conta, fazendo gestos que imitam outras coisas); pelo desenho e representação gráfica (criança desenha o que sabe e não o que vê, sendo assim um símbolo reproduzido pela imagem mental); pelas imagens mentais (adquiridas pela criança pelas diferentes experiências em sua história internalizada na memória); e evocação verbal (ações que estimula no indivíduo a capacidade de desenvolver os acontecimentos em falas verbalizadas e a representação do pensamento).

O surgimento da função simbólica, possibilita o desenvolvimento do desenho e da escrita, em que a criança segundo Piaget, passa por três níveis de abstrações, sendo eles: sinal, símbolos e signos. O sinal (é parte de algo representa o todo); os símbolos (são representações construídas na sociedade, mantendo relação com o objeto); signos (são abstrações que não tem relação com o objeto).

Vigotski nos diz que são importantes para o desenvolvimento psíquico os sistemas de símbolos e o processo de internalização. (1997, p. 34-35) [...] A utilização de marcas externas, ou seja, objetos, eventos e situações vão se transformar em processos internos de mediação, que significa, o processamento de internalização [...] sendo assim o indivíduo ao longo do desenvolvimento deixa um pouco de usar marcas externas e passa a usar signos internos de representações mentais que substituem os objetos do mundo real. (1989, p.131) O autor ainda afirma a união no [...] brincar de faz-de-conta, desenhar e escrever [...]. devem considerar um processo de preparo e estímulo para a escrita.

1.4.1 O desenho como representação na infância

Nessa perspectiva, o autor Lowenfeld professor nascido em Linz, na Áustria em 1903-1960, lecionava aulas de educação artística e pelos seus estudos influenciou vários educadores. Em sua obra, "A criança e sua arte" (tradução de 1976, p. 91) nos revela que [...] a criança faz uso do movimento corporal para manifestar-se no mundo [...].

O movimento corporal é fonte de comunicação e expressão, estímulos esses desenvolvem a capacidade de pensar, descobrir e explorar o conhecimento das coisas (1976, p. 17).

Ao se comunicar e se expressar nesse movimento corporal, na representação do registro, a criança por exemplo no seu processo de desenvolvimento na infância pode segurar com a mão um lápis e fazer traços, retas, linhas, curvas, formas, movimentos. Ao fazer essa ação o indivíduo faz uso do movimento de "pinça" (a criança faz uso dos dedos da mão indicador e polegar para segurar o objeto, realizando a função de coordenação motora fina). Essa representação de linguagem gráfica está relacionada à comunicação. Vigotski (2009) diz que o desenho é uma atividade especificamente humana, está relacionada à apropriação da cultura.

Na infância, as manifestações artísticas são criações de um “processo de herança histórica, em que sucede cada forma pela determinação das anteriores.” (VIGOTSKI, 2009, p. 42, apud FRANCIOLI; STEINHEUSER, p. 31).

Lowenfeld (1976, p. 13), complementa que [...] quando a criança começa a fazer os registros de pinturas e desenhos, ela está pensando em alguma coisa, que às vezes para o adulto não faz sentido. Porém, para a criança é um confronto com seu próprio "eu" e sua experiência pessoal. À medida que essa criança pensa, o processo de raciocínio, sua habilidade de pensar e absorver-se em alguma coisa ficam estimulados. [...]

É necessário compreender que essa apropriação do pensamento implica em uma participação ativa da criança na cultura, desenvolvendo ela mesma os modos de ver o mundo à sua volta por meio da fala, do sentir e do relacionar-se com os

outros. Na manifestação artística o sujeito expressa suas (Lowenfeld, 1976, p. 14) preferências, coisas que lhe desagradam, suas reações emocionais, seu conhecimento das coisas e sua relação própria, individual e com o mundo que a cerca.

A criação não surge simplesmente por existir, tudo que se cria é apropriado na cultura e na história. É na base do trabalho e no que já foi historicamente produzido que se cria e produz o novo. (Vigotski 2009, apud FRANCIOLI; STEINHEUSER, p. 30-31).

No olhar histórico-cultural, a linguagem gráfica pelo desenho possui, "em cada fase da infância sua forma, característica de criação, destacando que imaginar e desenhar não são apenas um divertimento da mente, mas sim uma função vital necessária, conforme aponta a concepção histórico-cultural". (VIGOTSKI, 2009, apud FRANCIOLI; STEINHEUSER, p. 33).

Nesse sentido há de se refletir sobre a importância que tem o pedagogo na prática educativa intencional. É pela observação e estímulos necessários que o sujeito propriamente dito se desenvolverá. À medida que essa criança cresce aumenta a percepção de mundo, de relação com ambiente e a sensibilidade com as coisas que lida.

1.4.2 Intencionalidade na prática educativa do professor com a linguagem, especificamente o desenho

À vista disso, pensar a prática educativa intencional do pedagogo é essencial. Baseado nos autores: Jean Piaget, Lev Vigotski, Viktor Lowenfeld, Analice Pillar e Alexander Luria. Esses autores pesquisaram e observaram sobre as etapas do desenho infantil durante o desenvolvimento do ser humano. Vejamos a seguir o que eles dizem a respeito da temática.

Jean Piaget percebeu (2012, p.78) que a imagem visual seria um significante, concebido pela imitação interiorizada do objeto e que as crianças desenhavam mais o que sabem, do que o que vêem. A função simbólica está na linguagem do sistema de significantes (signos e símbolos) e dos significados

(objetos ou acontecimentos) que se explica pela formação de representações. O autor trata o assunto de maneira epistemológica em cinco etapas.

A primeira etapa: a garatuja. Acontece na fase sensório-motor (zero até dois anos de idade) e a pré-operacional (dois anos até sete anos de idade). A criança ama desenhar, porém a figura humana concreta como se vê, não existe para ela nesse momento. Esta fase é dividida em garatuja:

- Desordenada (possui os movimentos desordenados, não há preocupação com espaço e os traços são feitos em cima do outro, vários rabiscos);
- Ordenada (os movimentos já são circulares, a figura humana é imaginária e há o início da disposição em conhecer as formas).

A criança nessa fase, diz o que vai desenhar, porém não é a relação entre a representação e o objeto. Por exemplo, faz um traço e diz que é uma árvore. (2010, p. 27).

Até os sete anos na fase pré-operatória, ocorre o pré-esquematismo, que é a descoberta da conexão entre realidade, pensamento e desenho, os elementos ficam dispersos e não tem muito vínculo entre si.

Entre os sete e dez anos de idade, na fase operação concreta, está o período do esquematismo, no qual as representações dos esquemas desenvolvem diferentes formas para cada objeto. Sendo assim, surgem as linhas de bases e cores dos objetos. Já identificam o conceito de figura humana, contudo ocorrem exageros e alteração de símbolos.

No término das operações concretas, inicia o realismo, há uma autocrítica, no espaço na descoberta do plano e da superposição, as formas geométricas são feitas com perfeição e atenção às regras.

A última fase em que Piaget descreve desse processo é a pseudo naturalismo, pertence a fase abstrata, vai dos dez anos de idade até adulto, a arte deixa de ser espontânea e passa a registrar a própria personalidade, sentimentos, angústias, dúvidas, profundidade, consciência de cor, entre outros. (Marlene Coelho Alexandroff, 2010, p. 27-28).

Para o autor Lev Vigotski, (1997 p.71) os desenhos são representações pictográficas, ou seja, desenhos figurativos ou signos mediadores que representam conteúdos determinados. Da representação pictográfica a criança passa à escrita simbólica (linguagem escrita). O autor relaciona com aspectos sociais.

(1989, p. 141 apud Marlene Coelho Alexandroff , 2010, p. 28-29) Para Vigotski, existem dois domínios para o desenvolvimento do desenho:

- Da ação motora, a criança tem domínio do ato motor, para o autor o desenho é registro do gesto e depois passa a ser da imagem. Essa ação antecede a escrita no sentido de que a realidade do conceito é adquirida na percepção.
- No vínculo entre a fala com o desenho, nas fases primárias a criança diz o que desenhou relacionando com o objeto, depois inicia a representação gráfica falando o que vai desenhar, demonstrando um planejamento. Vigotski afirma que a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica.

À vista disso, o autor reforça que esse fato é importante pois revela um certo grau de abstração do pensamento da criança, em que ao fazer, recorda na memória o fato. Não há um interesse no autor em detalhar exatamente as fases, porém identifica ao longo do desenvolvimento a expressão nas etapas:

- Simbólica, que as crianças desenhavam coisas da lembrança, representa de maneira simbólica, longe da realidade que é o objeto. (Lev Semenovitch Vigotski, 2012, p. 59)
- Simbólico-formalista, há uma forma melhor e maior dos traços, há necessidade de não se limitar e buscar o todo na representação.
- Formalista veraz, as representações são muito próximas das características dos objetos reais e diminuindo aspectos simbólicos.
- Formalista plástica, o sujeito se apropria de técnicas realistas. O grafismo passa a ser uma criação e não mais um registro com finalidade em si mesmo. (Vigotski, 1987 apud Alexandroff, 2010, p.11).

Já Lowenfeld, pensa que (1976, p.107) a criança de quatro a sete anos à medida que cresce, já não se satisfaz com a simples e fictícia relação entre seu pensamento imagístico e o que desenha ou pinta.

No desenvolvimento, o indivíduo quer estabelecer relação com o real e verdadeiro. Então, por exemplo, a criança observa que sua mãe tem mãos macias, pois quando vai passear segura a mão da mãe e sente segurança. Esse exemplo tem grande significado, em que quanto mais essa criança cresce, mais suas relações com o ambiente vão se modificando.

Quanto mais sensível e alerta se torna ao ver e tocar, maior será o número de coisas que têm importância para criança.

O autor defende que a criança deve ter acesso aos diferentes materiais para desenvolver o sentido tátil, fazendo uso de tintas, giz, canetas, lápis, entre outros. (LOWENFELD, 1977, p.107 apud BACHMANN;RADVANSKEI;SANTOS, 2016, p. 3)

Ao refletirmos sobre a importância do desenho, pensamos no desenvolvimento da criança, como a criança desenha, o que aprecia, o que sabe e como se expressa por meio do mundo que a cerca. O professor tem o papel importante, ser mediador do conhecimento e possibilitar que a criança se expresse nos espaços, fazendo uso de diferentes recursos nas diversas maneiras.

Nesse processo de criação, há um desenvolvimento das funções psicológicas. Vigotski (2001) denomina de Funções Psicológicas Superiores (FPS) aquelas funções mentais que caracterizam o comportamento consciente do homem como: atenção voluntária, memória, linguagem, pensamento, imaginação, planejamento e abstração.

Essas funções, em sua origem, são consideradas sociais e estão interligadas; no entanto, para se efetivarem, precisam ser mediadas pelo outro (VIGOTSKI, 2001, apud FRANCIOLI; STEINHEUSER, p. 34). É necessário estímulos de ações criadoras, imaginárias, que façam uso da memória, possibilitam vivências, planejamento, autonomia e troca de dados.

Logo, a prática educativa com o desenho pode interferir de maneira positiva para o desenvolvimento de habilidades no processo de alfabetização.

1.4.3 O desenho e o processo de alfabetização

Dentro de uma cultura letrada, toda criança tem a necessidade de compreender o mundo e representar sua realidade. Pela representação do desenho observa-se que a percepção da criança vai mudando com o passar do tempo.

Para Vigotski (1997, p. 68) a evolução da escrita da criança está associada a sua teoria referente a linguagem, mediação simbólica e uso de instrumentos, dessa maneira preocupa-se com o processo de sua aquisição, iniciada muito antes da entrada do sujeito na escola. A principal condição para compreensão da criança, é que compreenda a língua escrita como um sistema de signos.

Enquanto o desenho representa algo, a linguagem verbal representa uma ideia, por meio de palavras. O desenho tem características figurativas do real e a escrita tem aspectos operatórios, ou seja, está relacionada com as transformações do objeto, segundo Pillar (2012, p.25).

As práticas pedagógicas com novas ideias e temáticas são capazes de desenvolver um crescimento dos signos infantis que possuem aspectos da grafia.

A utilização da linguagem verbal é constituída por signos que dão nome às palavras e aos sons da língua oral, referindo às coisas existentes com característica de símbolo. Por esse motivo a escrita sujeita-se ao ensino, no que diz Vigotski (2012) em que a criança descobre que pode desenhar coisas e também palavras.

É na escola que o trabalho com a educação propõe uma pedagogia reflexiva com objetivo de transformação da visão de mundo de alunos e professores. O professor é o mediador que facilita a aprendizagem.

Nesse sentido, saber o processo de evolução do desenho e perceber os níveis da zona de desenvolvimento, como Vigotski nos apresenta, possibilita a mediação pedagógica intencional para o avanço da escrita.

Para o autor Luria (2006, p. 146) em suas pesquisas, buscou entender o desenvolvimento da aprendizagem da escrita e a importância da mediação para internalização das funções cognitivas superiores, ou seja, funções de lembrar, escolher e comparar. O autor define como primeira fase, pré-instrumental. A

representação gráfica da criança não tem funcionalidade de signo, possui rabiscos e há imitação do gesto de adultos, sem objetivo de memorização ou significado com que a escrita realmente representa, mas sim, com um jogo ou brinquedo de maneira espontânea.

A partir de então, a criança busca nesses rabiscos um vestígio para relembrar algo. Luria nos diz que o sujeito recorda o objeto através de descrição minuciosa, ou seja, sinais topográficos. Nessa fase, há um indício de registro do tipo primário e aparecimento de significado mas não define qual significado. Nessa evolução da grafia nos diz Luria referindo (2006, p.161) a mudança no sentido do rabisco não diferenciado, para o signo diferenciado.

Os rabiscos e linhas são transformados em figuras que sucedem os signos. Em duas formas ocorre a diferença do signo primário. A primeira, a criança representa o objeto não excedendo os limites dos rabiscos imitados e apresenta o objeto como marca de um conceito, ou seja, o sinal pela figura desenvolve a representação do objeto, os pictogramas.

Logo a criança passa do estímulo para o símbolo do signo. A propensão é o indivíduo iniciar rabiscos de palavras pequenas com linhas pequenas e palavras grandes com linhas grandes. O processo da escrita com a ajuda das ilustrações se dá pelos cinco e seis anos e por enquanto a criança não aponta a grafia do conceito que foi proposto, segundo Luria (1987, p.53).

A segunda é a etapa da pictográfica, que na evolução da escrita se dá por experiências e vivências com os desenhos.

O estímulo da mudança do rabisco não diferenciado para o signo diferenciado são fatores que demonstram forma, quantidade, cor, altura e largura. Nessa maneira a grafia passa auxiliar na memória do indivíduo dando um significado para o signo e sentido a representação. A vista disso, há a necessidade de substituir um signo por outro, superando a fase primária.

O processo da escrita é gradualmente desenvolvido. O professor pode inserir características abstratas como uso de substantivos com adjetivos, por exemplo, a menina comilona, a relação da criança será externa com objeto, pois o adjetivo é abstrato. O sujeito irá usar letras ou símbolos para registrar mas não

consegue compreender como realizar. No começo da alfabetização a criança vai assimilando códigos linguísticos externos e é pelo ato que compreende a ação.

Portanto, a medida de elevação da dificuldade para o que foi proposto antes, possibilita oportunidades para constituir experiências que estimulam o pensamento abstrato, a fim de pensar e planejar a atividade ou ação antes de colocar em prática. Dessa forma, experiências com o uso de números, letras, sinais, medidas e tamanhos, adjetivos e entre outros, são instrumentos para que a criança observe e tenha significado da existência dos signos e que os mesmos aparecerão no desenho e futura escrita.

CAPÍTULO II - DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

No capítulo II, apresentamos a definição de pesquisa, o tipo, qual abordagem do método, contexto dos participantes e estrutura do instrumento de coletas de dados. Essas informações sobre o processo do desenvolvimento da pesquisa são cruciais para a discussão das ideias que essa pesquisa foi pautada.

2.1 A pesquisa, tipo e método

Para o autor Gil (2002, p. 17), a pesquisa é definida como procedimento que tem o objetivo de proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema.

Na busca de proporcionar respostas para a pesquisa, explorou-se a seguinte questão: Qual a importância das experiências com desenhos para crianças no primeiro ano do ensino fundamental I ?

Visto que para melhores resultados, a análise do conteúdo será de abordagem qualitativa, isto é, fazendo uso de informações que descrevem minuciosamente sobre a temática. A autora Minayo (2011, p.21) complementa, que esse tipo de abordagem qualitativa serve para responder perguntas singulares voltadas às preocupações da realidade, de significados, valores, motivos e ações.

A partir de então, com caráter exploratório, se justifica por ser caracterizado segundo Gil, (2002, p. 43) flexível, buscando coletar informações nas entrevistas com professoras que tenham vivido experiências na educação que possam contribuir com exemplos concretos do cotidiano. Dessa maneira, as informações obtidas tiveram como embasamento a intencionalidade da prática pedagógica do professor, em relação ao desenvolvimento e aprendizagem da criança, envolvendo a prática do desenho.

Nesse sentido, a pesquisa de campo, para Gil (2002, p.53) foca em um grupo de comunidades de estudo, trabalho ou algum tipo de ação humana e é

desenvolvida pelo instrumento de coleta de dados, a entrevista. Com o intuito de captar informações e pontos de vista que ocorrem nessas comunidades. A entrevista, segundo segundo o autor, (2002, 117-119) deve ser dirigida com um roteiro, formulado por perguntas previamente planejadas e articuladas de forma semi estruturada, ou seja, desenvolvida por estratégias adequadas para se obter respostas que reflitam sobre o tema e objetivos da pesquisa em questão.

2.2 Contexto e participantes

A pesquisa foi direcionada sobre a perspectiva de três professoras na rede particular e uma professora que trabalha na rede municipal. Todas do município de Campinas e atuam no 1º ano do ensino fundamental I. A razão pela qual foi escolhida a entrevista como instrumento para a coleta de dados, é pela proximidade com as professoras que atuam diretamente com as crianças, conhecer sua prática pedagógica e ter uma resposta concreta do seu cotidiano. As entrevistadas foram escolhidas por serem profissionais formadas em pedagogia e atuarem no primeiro ano do ensino fundamental I.

2.3 Técnicas e procedimentos para coleta de dados

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a entrevista. O local em que ocorrem as pesquisas de campo é em: um colégio de rede privada e uma escola municipal, ambos em Campinas. Após aceitação da proposta, as entrevistas realizadas foram gravadas por áudio com posterior transcrição de todos os dados detalhados das entrevistadas. Foram realizadas 4 entrevistas presenciais e individuais, dentro do horário das aulas ministradas por especialistas, momento propício para conversa com as professoras.

Iniciou-se com a apresentação da pesquisadora, agradecimentos às professoras pela participação e foi entregue um termo de consentimento que assegurava não serem anexadas informações pessoais e dados que

comprometesse o entrevistado e a instituição nesse estudo. Em seguida, já com as perguntas elaboradas e planejadas anteriormente em um roteiro, que buscaram responder a pergunta problema e objetivos deste trabalho. A seguir as questões do roteiro:

1) Me conta um pouco sobre sua formação, quanto tempo atua? É em escola pública e privada? Qual faixa etária já deu aula? E o que te motiva a escolher essa profissão ?

2) Em relação ao uso dos diferentes tipos de linguagens infantis, você pensa que pode ser um auxílio para a aprendizagem da criança?

3) Na perspectiva daquilo que a criança traz de conhecimento (casa, sociedade, cultura, valores) interfere no desenvolvimento dos alunos em relação a linguagem (representação pelo desenho)?

4) Como você atua quando percebe que a criança sempre desenha a mesma coisa, tem um repertório restrito? Você observa tal situação ou passa despercebido?

5) Os espaços, recursos, participação e olhar sensível do professor, pode ser considerado estímulo para que a criança aumente suas experiências e vivências com o desenho? espontaneísmo x mediação- intencionalidade.

6) Para você há importância nas práticas com desenhos, para o desenvolvimento das crianças ainda no início do primeiro ano de ensino fundamental I?

7) Para você a experiência com a representação gráfica - desenho - tem alguma relação com o desenvolvimento da representação da escrita pela criança?

A partir dos dados coletados, foi feita a transcrição das respostas por completo e a leitura atenta da pesquisadora ao que as entrevistadas compreendem sobre a importância da prática intencional, especificamente com uso de desenhos para as crianças, verificando se há proximidade com a base teórica. Analisou a percepção das linguagens e a importância das práticas com desenhos com as crianças, o repertório restrito dentro das possibilidades em que a criança se encontra e traz do meio que vive, a intencionalidade na mediação: métodos, na prática do professor em sala de aula e a relação do desenho com o processo de desenvolvimento da escrita no decorrer da alfabetização. A partir de então, baseado nos dados obtidos, foi feita análise comparativa das realidades diferentes das

participantes com a teoria da pesquisa, na finalidade de alcançar os objetivos deste estudo.

Para a análise, foram definidos os seguintes eixos temáticos: A percepção das linguagens, a importância das práticas de desenhos com crianças, o repertório restrito, intencionalidade do professor na mediação do desenho e a relação do desenho com o desenvolvimento da escrita pela criança.

CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os capítulos I e II refletiram sobre os fundamentos, abordagem do tema proposto e como a pesquisa é classificada em seu conceito quanto aos métodos em pesquisa teórica, que teve a motivação para explorar a prática criativa por meio do desenho com as crianças na prática em sala de aula, para acompanhar essa evolução do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Levando em consideração a problemática, qual a importância das experiências com desenhos para crianças ainda no início do primeiro ano do ensino fundamental I. Os objetivos foram pautados em: Compreender a importância da intencionalidade na prática educativa com a linguagem, especificamente o desenho, envolvendo as crianças do primeiro ano do ensino fundamental I. Conhecer as características do desenvolvimento e aprendizagem das linguagens das crianças; Compreender o uso inicial do desenho como um recurso e aporte para o questionamento, exploração, representação gráfica e escrita pela criança, na perspectiva histórico-cultural.

Neste capítulo, buscou-se descrever os dados obtidos na pesquisa de campo, captados a partir de entrevistas semi estruturadas, desenvolvidas com quatro professoras formadas em pedagogia. Os nomes das professoras para manter sigilo, são fictícios (Rosa, Bromélia, Violeta e Girassol). Dentre as professoras participantes, Girassol atua na rede pública municipal e Rosa, Bromélia e Violeta atuam em rede privada, todas atuam na cidade de Campinas-SP. E com a finalidade de responder a problemática: “Qual a importância das experiências com desenhos para crianças no primeiro ano do ensino fundamental I?”, conforme já indicado, ressaltou-se os seguintes eixos temáticos para análise: A percepção das linguagens, a importância das práticas de desenhos com crianças, o repertório restrito, a intencionalidade do professor na mediação do desenho e a relação do desenho com o desenvolvimento da escrita pela criança.

Antes, caracterizamos as participantes para melhor compreensão do contexto de atuação docente.

3.1 As participantes - dados sociodemográficos

Para maior conhecimento em relação aos dados sociodemográficos das quatro professoras entrevistadas, apresentamos a seguir os relatos da trajetória de cada uma.

A primeira entrevistada na pesquisa de campo é nomeada como Rosa, a mesma nunca tinha trabalhado em uma rede de ensino. Surgiu a oportunidade em 2010 e começou a trabalhar na escola de rede privada em Campinas, como auxiliar de sala e depois mesmo cargo na sala do integral, nesse meio tempo teve o impulso de começar o curso de pedagogia em 2011, pois gostava das crianças e se encontrou na profissão. Em 2016 na mesma escola, teve o privilégio de ser professora da sala de segundo ano em que ficou até 2019 e em 2020 até hoje atua como professora no primeiro ano. Para ela, a motivação é amar o que faz e transmitir isso no dia a dia com as crianças.

A segunda entrevistada é nomeada por Bromélia, desde os 17 anos de idade, trabalha em uma instituição de ensino privada. Fazendo assim, 21 anos que está no mesmo colégio em Campinas, sendo 18 anos atuando na educação infantil com crianças de dois a cinco anos e 3 anos atuando como professora do primeiro ano ensino fundamental I. Formada em pedagogia, com pós graduação em psicopedagogia, neuropsicopedagogia, letramento e alfabetização, habilitada pelo método ABA (Análise do Comportamento Aplicada), cursou o projeto de desenvolvimento individual (PDI) para crianças que têm dificuldade de aprendizagem e iria começar outra pós em neuropsicologia. O que a motiva é trabalhar com os extremos e com os transtornos de aprendizagens. Ela acredita que toda criança é capaz de se desenvolver, de aprender e a mesma, como professora aprende muito com isso, considera satisfatório.

A terceira entrevistada, nomeada por Violeta, trabalha na rede de ensino privada e faz 18 anos desde que iniciou na mesma instituição de ensino que as duas anteriores. Começou como auxiliar e depois assumiu a sala de aula como professora. Formada em magistério e pedagogia. Em seu relato diz que nunca tinha pensado em ser professora, porém quando estava no ensino médio tinha o curso de

magistério e realizando esse curso, despertou a paixão pela pedagogia, o que a fez cursar a faculdade.

A quarta e última entrevistada na pesquisa, é nomeada como Girassol, iniciou a graduação em pedagogia em 2006 e formou-se em 2010, com o auxílio da bolsa do Prouni. Durante a graduação trabalhava em uma empresa na parte administrativa e a bolsa do Prouni ajudou-a muito. Quando já formada em 2015, dava aula eventualmente no Estado para o ensino médio, assim adquirindo experiência de sala de aula. Em 2016, foi convocada pelo concurso na Rede Municipal de Educação de Campinas, para dar aula como professora de estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I.

Em sua trajetória já ministrou aulas para o 1º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental I, exceto para o 2º ano. A professora trabalhou com as turmas do primeiro ano (EFI) no ano de 2017 e nos anos de 2021 a 2023. Para ela, as crianças do 1º ano dão respostas muito rápidas ao processo de ensino e aprendizagem e que a diferença do 1º e 2º semestre é bem visível a evolução da escrita e leitura. Também ressalta que é desafiador o trabalho do professor no 1º ano, pelo motivo de ser uma fase de transição da educação infantil para o ensino fundamental I. Portanto, as responsabilidades são outras, há professores especialistas, rotina diferente e é necessário todo um trabalho nessa adaptação.

Entendendo um pouco a trajetória de cada profissional e aquilo que cada uma traz consigo e acredita, seguimos com os eixos temáticos para análise do problema e foco nos objetivos desta pesquisa.

3.2 A percepção das linguagens

Para entender o conceito que as professoras compreendem sobre a percepção das linguagens, foi abordado se para elas havia relação entre as linguagens infantis e a aprendizagem das crianças.

Lembrando que no referencial teórico, o autor citado Vigotski, quando refere-se a linguagem, a conceitua como (1997, p. 34) [...] um sistema simbólico básico de todos os grupos humanos [...].

Esse sistema simbólico, é um meio de comunicação dos seres humanos. A perspectiva da professora Rosa, ressalta que quando está exercendo a função na educação para ensino no 1º ano, a linguagem que se destaca é a gestual de corporeidade, ou seja, a aprendizagem e o desenvolvimento desse sujeito está presente na comunicação com as brincadeiras, no lúdico, no movimento, na expressão. Esses são aspectos que impactam na evolução das habilidades de criação, na motricidade, na coordenação e na lateralidade.

Bromélia traz outra realidade enriquecedora durante toda a fala, destacando a criança não verbal, de cinco e seis anos, por sua condição atípica . A percepção da professora em relação às linguagens, reflete na maneira que a comunicação dessas crianças se processam, ou seja, a comunicação se processa pelo uso dos sentidos olfato, paladar, visão, audição e tato, portanto percebendo o próprio corpo. (A condição atípica da criança citada pela professora não é foco desse estudo, por isso não nos aprofundaremos).

A professora assegura que, no geral, a criança necessita reconhecer que tem os membros do corpo e é um ser que existe, para então desenvolver melhor sua comunicação pela sensibilidade e percepção das linguagens pela música, ritmo, escuta, sentimento, organização, rotina e entre outros. Para ela há grande importância na comunicação do corpo. Ressalta que primeiro precisa da consciência do corpo para partir então à escrita.

Relatou que a criança pela visão vê a escrita na lousa e percebe a rotina, do que será feito naquele dia, consegue tomar consciência da linguagem pela visão e pela audição do que a professora comunica. Afirmo ainda que faz o uso da música e de figuras coloridas, que dá a entender a busca da ludicidade, da brincadeira, do uso de materiais reais que possam ser tocados, sentidos no chão, são importantes ferramentas para o desenvolvimento das linguagens das crianças. A professora faz críticas ao papel, quando diz que trabalha muito com papel e apostila para seguir os regimentos da escola, mas deixa claro que acima disso a prática está voltada para o sensorial.

Importante essa crítica da professora em relação ao ensino apostilado, muitas das vezes o professor se vê preso a entrega de prazos, resoluções de

questões de folha, ao invés de pensar se a criança está recebendo o conhecimento e aprendendo com ele.

Para a professora Violeta as linguagens estão no corpo da criança, essa que é estimulada pela música, sons, a arte em imagens, gestos do corpo e mãos. Esses aspectos são importantes para a coordenação motora, auxílio na escrita e leitura.

Até então, as três evidenciaram que a linguagem inicia no movimento do corpo com objetos ao redor, na comunicação com os pares e nas imagens. Esses aspectos fazem semelhança no pensamento vigotskiano, no qual diz que a função psíquica da criança depende da interação com o meio e ações com as pessoas a qual convive. Isso se articula na base teórica desta pesquisa (Vigotski, 1997, p. 45) e para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, quando se encontram e resultam no pensamento que gera um significado a palavra e a linguagem que faz parte de um sistema simbólico em que o ser humano precisa para se comunicar, em que para Piaget (2012, p. 15-16) a linguagem é representada na situação concreta e na lembrança passada.

A professora Girassol, já inicia sua fala com a linguagem do desenho e não especifica outras linguagens. Acredita que o desenho no início do 1º ano já é um meio para entender a criança, seja pela pegada do lápis, pelos movimentos de pinça, na coordenação e assim saber onde a criança se encontra em sua aprendizagem e seguir para a alfabetização com uso também de recursos como caderno.

No ponto de vista que todas as professoras trouxeram sobre a corporeidade, movimentos e gestos, há semelhanças no referencial teórico quando o autor (Lowenfeld 1976, p. 91) destaca que a criança tem necessidade de movimentar o corpo para manifestar-se e comunicar-se no mundo que a cerca.

Na perspectiva da resposta da professora Girassol se assemelha com as respostas anteriores das professoras no sentido da coordenação motora e se difere quando não faz referência a outros tipos de linguagens. Porém na sua fala demonstra que a prática com o desenho é uma maneira de auxílio para entender a criança com a qual se trabalha no 1º ano, já que se trata de uma criança vinda da educação infantil e que se depara com o processo de alfabetização.

Na fala da professora Girassol e Violeta em alguns pontos usam as palavras escrita, leitura e alfabetização, tem coerência quanto ao que nos diz a base teórica deste trabalho (DCNs 2013, p.110) nos primeiros anos do Ensino Fundamental I, a criança no processo de alfabetização está ampliando a capacidade de representar, importante etapa para evolução do conhecimento da leitura, matemática e entendimento da realidade.

3.3 A importância das práticas com desenhos

Nesse eixo, perguntou-se às entrevistadas, se para elas há a importância de fazer uso de práticas com desenhos, com as crianças do primeiro ano do ensino fundamental I.

Rosa concorda com a importância da prática de desenho com crianças e destaca que as crianças ao executarem a prática do desenho, refletem características de brincadeiras, de coisas que assistem e que trazem de casa com a família.

Bromélia também afirma a importância das práticas de desenho, à medida que são observadas as pinturas forte ou clara, com garatujas e rabiscos. Nesse sentido, para ela, há uma manifestação da expressão de sentimentos e particularidades que essa criança demonstra ao longo do seu desenvolvimento, da sua história e de coisas que viveu e aprendeu.

Esses depoimentos se aproximam do que Piaget no referencial teórico (2012, p. 17-19) nos apresenta quando se refere ao sujeito na primeira infância, na faixa etária de dois até sete anos de idade. É nessa etapa do desenvolvimento que se está construindo bases da racionalidade para interagir, fantasiar, imaginar e representar pelo jogo-simbólico (de brincar faz-de-conta, imitar coisas e gestos). A linguagem é representada pela função simbólica, que é desenvolvida pelo desenho e representação gráfica, reproduzida pela imagem mental adquirida nas diversas experiências da história do sujeito.

Violeta direciona a importância dessa prática para as noções de espaçamentos, para movimentos. Ela pensa que o desenho e a pintura se

desenvolvem em um processo mais semelhante à realidade e reflete para que seja levada com mais facilidade a letra bastão e a cursiva durante o processo de alfabetização.

Portanto, se aproxima no que diz respeito ao referencial teórico (Piaget, 1985, p.79) acerca da representação da função simbólica (sinais, símbolos e signos) ocasionando a evolução das características do desenho e da escrita.

Girassol considera a prática com desenhos muito importante e diz que as crianças têm necessidades e desejam essa atividade de desenho. Na prática a professora tenta relacionar o conteúdo das disciplinas com a prática do desenho.

Mais uma vez é ressaltado a questão que a representação é necessidade de comunicação para a criança. As professoras entrevistadas consideram importante a prática com desenho ainda no 1º ano do ensino fundamental I. Pensar que retratam suas brincadeiras, brincar de faz de conta, desenhar é um processo de preparo e estímulo para escrita.

3.4 O repertório restrito

Pensando o repertório restrito quando a professora percebe na prática em sala de aula, que a criança desenha a mesma coisa, ou tem um repertório limitado, essa situação é observada ou passa despercebida.

Em sala de aula Rosa, relata que já teve experiências com alunos de repertórios restritos. Fez várias observações e intervenções para que os alunos desenvolvessem a criação e acrescentasse detalhes, usasse a memória e imaginação para criar além das coisas que tem apreço. Nessa prática questionava, por que a criança só desenha a mesma coisa, por que só fala o mesmo assunto, por que só usa as mesmas cores.

Ela demonstra na fala uma preocupação em olhar bem para o desenho, para saber o que acontece, por que a criança sempre desenha com as mesmas cores, por que não faz os detalhes, afirma que é importante essa ação de observação. Trouxe um exemplo, de um estudante que só desenha dinossauros e lagartos com

as mesmas cores e do mesmo modo. Na prática ela tenta incentivar e mostrar possibilidades de desenhos de outra maneira, colocando mais informações nessa representação, talvez um cenário com sol, nuvens e árvores, porém ela diz que ele sempre deixa o mesmo repertório. Nesse exemplo, relacionando com a ideia vigotskiana, nos remete, que é pela fala que começa a construção do pensamento (1997, p. 46) a fala é um instrumento de lógica. Se essa professora observando as representações desse aluno continua incentivando, porém percebia que ele continua as mesmas características, vejo que é um desenho preferido que ele gosta de fazer. Se a professora estimula-se essa criança pelo seu ponto forte, por conversas e reflexões sobre o que ela sabe sobre os dinossauros, se existem outros tipos de outros tamanhos ou cores, onde vivem, quantos anos vivem. Com certeza na medida dessas falas e o pensar sobre isso, iria gerar interesse maior na busca de informações sobre aquilo que ele mais gosta naquele momento. E assim, ele iria conseguir expandir seu repertório.

Bromélia ao ser questionada sobre o repertório restrito, em sua prática diz que ao ver os desenhos dos seus alunos, pergunta o que desenhou, por que desenhou certa imagem, o que representa, quais são os detalhes, de onde vem, qual é a cor e entre outros. Ela faz essas intervenções, pois percebe que existem crianças que não tem estímulos de leitura, diálogo e imagens com a família, para a criação. A prática da professora se resume, em instigar o sujeito, a pensar no corpo, nas texturas, nos tamanhos, etc.

As intervenções realizadas pelas professoras Rosa e Bromélia, reforçam o referencial teórico (Vigotski, 1997) sobre a zona de desenvolvimento proximal. As professoras observam o que os alunos já conhecem ou viveram na sua história, percebem detalhes, ou seja, sempre o mesmo desenho, mesmas cores e como mediação tenta dialogar sugestões que transfiram ideias, para que o estudante amplie seu conhecimento. Porém, como no caso da Rosa, tentar outras ações e alternativas para acrescentar naquilo que as crianças nos trazem em suas representações.

A professora Violeta descreve que observa as representações. Explicou um exemplo: se a criança pinta o céu de preto. Pergunta por que pintou o céu de preto e faz com que a criança perceba que cor é o nosso céu naquele momento, explica que

a noite é preto. Outro exemplo, por que só faz só flores vermelhas? Mostra como que é essa realidade, para que a criança olhe pela janela e perceba tudo que existe à sua volta. Por que a criança usa só essa cor, ou por que ela ama só usar a cor vermelha. A professora questiona sobre as outras cores que tem dentro do estojo e conversando, mostrando, tanto a natureza em si, o ambiente em si, quanto vídeos na internet, de como fazer e como pode providenciar.

No ponto de vista de Violeta na sua prática em relação ao repertório restrito dos alunos, dá destaque a pintura, o que também faz parte do desenho. Fazendo assim, sentido ao que Lowenfeld no referencial teórico ressalta (1976, p. 13), que quando a criança está desenhando ou pintando, a mesma pensa em algo que para o adulto não faz sentido, ou melhor manifesta suas preferências, desagrado, sentimentos, sua história, cultura em que se encontra, entre outros. Quando a criança pinta o céu de preto e a professora questiona, é porque para a professora algo chamou a atenção, algo que ela não entendeu e começou a pensar. Por que essa criança pintou o céu de preto, é por que ela gosta da cor preta ou por que está a noite, será que isso se repete sempre. A criança com sua imaginação e criação pode ter várias respostas além dessas, não existe uma resposta restrita a isso. Mas isso nos faz analisar o papel do professor: observar e desafiar nas possibilidades de reflexão sobre a realidade, sobre a natureza, sobre as opções de recursos de outros materiais, giz de cera, outras cores de lápis, nos meios tecnológicos, nos espaços dentro e fora da escola. Ao estimular sobre a natureza, recordamos do que Lowenfeld diz que o sujeito quer estabelecer relação com o real e verdadeiro.

Girassol ao iniciar a resposta diz que, em sua realidade, observa as cores, o preenchimento do espaço, a representação do corpo humano, que é conteúdo do primeiro ano no currículo da prefeitura. Menciona pouco sobre o repertório restrito e cita dois alunos com altas habilidades em artes.

No relato diz ter um aluno que faz cópias perfeitas de coisas que ama desenhar como dinossauro e têm a motricidade bem desenvolvida. O outro estudante tem uma boa preensão do lápis, além de grande criatividade no desenho, faz criação de história e personagens.

Ao observar essas características nesses dois alunos, a professora em parceria com o professor de artes, refletem que podem se tratar de crianças com

altas habilidades, pois seus desenhos são avançados para faixa etária de primeiro ano. Logo são encaminhados ao suporte da professora de educação especial e estão sendo acompanhados em uma sala de recursos.

Na área da educação, na Prefeitura de Campinas tem disponível suporte da professora de educação especial. Os estudantes que são encaminhados a esse suporte por manifestar altas habilidades, são observados e avaliados. A professora ainda em sua fala, enfatiza sobre a importância do professor reconhecer informações sobre o desenho, para então em sua prática perceber até que ponto o desenho é esperado para determinada faixa etária.

A realidade explicada pela professora Girassol distanciou-se um pouco da questão abordada, porém é de grande relevância, já que pensar o desenho é estar atento ao repertório que os alunos trazem, estimular novas perspectivas, novas ideias. É perceptível a preocupação da professora quando observa e reflete sobre o trabalho do estudante e ainda comenta com outros profissionais sobre o comportamento da criança. Bom saber que a rede municipal tem um apoio educacional, para além daquilo que é estar em sala de aula, mas busca entender a necessidade educacional para cada estudante.

3.5 A intencionalidade na mediação

Na perspectiva da intencionalidade na mediação da professora, foi perguntado, se o olhar sensível do professor, os espaços, os recursos e a participação dos alunos com o professor, são estímulos para que a criança aumente suas experiências e vivências com o desenho.

Rosa acredita que a estrutura da escola tem seus recursos e espaços para benefício da criança. O sujeito ao ser inserido nesse espaço passa a receber estímulos do conhecimento que auxiliam no desenvolvimento e crescimento do pensamento, da linguagem, da fala, características essas que geram autonomia, o senso crítico, a criatividade. Porém, em sua resposta, não especificou melhor a sua prática.

Em seus dizeres Rosa aproxima-se da perspectiva da teoria de Vigotski pautado no referencial teórico (apud FRANCIOLI; STEINHEUSER, p. 34), quando se refere às funções psicológicas superiores, ou seja, são as funções que caracterizam o comportamento do homem, (memória, atenção, linguagem, planejamento).

A professora Bromélia relata que existem crianças que chegam no primeiro ano sem saber o que é desenho, o que é pintar, tem dificuldade com a organização do desenho no espaço e que só faz a representação gráfica de "palitinhos" e diz que o desenho traz uma imagem e uma fala. A professora afirma que os professores não sabem olhar para o desenho e distinguir o que aquela imagem está transmitindo, diz que isso é base para psicólogo. Porém contradiz sua fala quando diz que dá para o professor perceber o que essa criança quer transmitir no desenho, se o mesmo é colorido ou não, se é pouco desenho, se é pequenininho, se é grande, dá para entender. Nesse relato, ao apontar o papel do psicólogo percebo que não é o foco deste trabalho aspectos emocionais mas sim características pedagógicas em relação a percepção da representação infantil por meio do desenho.

Nesse sentido, quando a professora diz que uma criança chega no 1º ano sem saber o que é desenho, é de se pensar como as funções sociais (atenção, memória, linguagem, imaginação) são interligadas e precisam ser estimuladas nas crianças. Na perspectiva de Piaget essa realidade das garatujas é esperado para crianças na fase sensório-motor que está na faixa etária de zero a dois anos de idade, já as crianças de seis a sete anos estão na fase segundo o autor, pré-operatória e operação concreta, ou seja, por mais que ainda está na garatuja mas já se espera haja uma descoberta do pensamento e a realidade, já é esperado que saibam identificar cores de objetos, figura humana, conexão com a realidade. Esse relato nos faz refletir sobre a importância das experiências com o desenho.

A Violeta destaca que as crianças são únicas e diferentes, então cada sujeito que ingressa em sala, que inicia o 1º ano ou qualquer outra série, traz consigo vivências, experiências, valores, culturas e história diversas. Para ela se faz necessário um olhar atento do professor para essas realidades e assim saber como desenvolver sua prática em sala com as crianças.

A Violeta reforça a ideia do referencial vigotskiano (apud FRANCIOLI; STEINHEUSER, p. 33) sobre a interferência da cultura e da história na vida de cada

indivíduo e das relações de trocas, além de dar ênfase que o trabalho intencional (MARTINS, 2013 apud BOCCHI, 2021, p. 45) orienta e proporciona transformações no homem.

A professora Girassol narrou com maiores detalhes a respeito do tema específico da questão anterior e acabou não respondendo a essa questão específica.

3.6 Relação do desenho com o desenvolvimento na escrita da criança

Para entender a relação do desenho entre o avanço da escrita da criança na prática das professoras, foi questionado se a experiência com a representação gráfica do desenho tem relação com a escrita.

Vale lembrar que o referencial teórico deste estudo cita a DCNs (2013, p. 110), no que se refere a etapa dos anos iniciais, em que a criança amplia suas habilidades em representações, capacidade essa muito importante para a leitura, escrita, entendimento da realidade e noções de matemática.

A professora Rosa, relata que o traçado do desenho ajuda no desenvolvimento do movimento da pressão no lápis que é importante para a escrita. Em prática diz que faz uso de atividades que envolvam desenho, escrita, construções de frases e textos, relacionando o desenho. A mesma teve uma aluna que entrou no 1º ano, sem conhecer letras, sons, desenho, formas geométricas. Só fazia garatuja. Com a intervenção da professora e professores especialistas, fizeram um trabalho pedagógico com atividades e estímulos de desenhos, formas geométricas e quantidade e a criança passou a desenvolver o desenho e a escrita. A família estava ciente que a criança precisava de um acompanhamento, mas não tinha muito interesse, pois a mãe trabalhava muito.

Quando a professora Rosa traz o exemplo da criança que inicia o 1º ano sem conhecer as representações gráficas, sons, desenhos, entre outros. É nítido ver que essas características apresentadas pela criança, se assemelha com a citação de Piaget no referencial desta pesquisa (2012, p.78), ou seja, faz-nos pensar na função simbólica relacionada à linguagem, na fase da garatuja não há relação entre

a representação e o objeto. As crianças nessa etapa estão descobrindo a relação entre a realidade, pensamento e o desenho. Já na perspectiva vigotskiana podemos evidenciar a esse respeito, que a partir do momento que a professora faz a intervenção, relaciona o desenho com a escrita, para a construção de frases e textos, aproxima-se do que Vigotski (1997, p.71) nos expõe, ou seja, que através da representação pictográfica, com desenhos figurativos que a criança passa à linguagem escrita, nesse caso se justifica o avanço citado pelo exemplo trazido pela professora.

Já Bromélia diz da importância dos professores estudarem em sua formação desde as garatujas. Diz que o rabisco feito pela criança, não é rabisco sem sentido, é uma forma de se expressar e tem um significado. Acrescenta que crianças que trazem uma bagagem de experiências e habilidades, serão bem desenvolvidas no desenho, escrita e leitura. Vigotski diz que a escrita está sujeita ao ensino, pois a criança descobre que pode desenhar coisas e também palavras.

No sentido de expressar sentido e significado, a professora assemelha sua fala ao de Lowenfeld (1976, p. 74) quando nos recorda que na manifestação artística a criança expressa suas reações emocionais. Acrescenta que a criação é vinda de cultura e história. (Vigotski 2009, apud Francioli; Steinheuser, p. 30-31)

Outro exemplo apresentado pela professora foi de um aluno que estava no processo de alfabetização, havia desenvolvido com dificuldades o grafismo da letra, porém o desenho não tinha sido desenvolvido. Ele só conseguia fazer rabisco e isso vinha dificultando o desenvolvimento da alfabetização. Porém, em reuniões com a família, descobriu que é devido a um histórico da parte sensorial (a criança cai sobre o próprio pé, não tem desenvolvida noção de espaço). Houve uma orientação para investigação médica e a família já busca intervenção com a terapeuta ocupacional, para desenvolver a psicomotricidade. A alfabetização faz parte do todo, inclusive do corpo e do desenho.

Diante desse exemplo, a professora observou o desenvolvimento dessa criança no sensorial para partir do processo da alfabetização e então percebeu a dificuldade, esse olhar minucioso faz lembrar que Piaget (2012, p.3) citado no referencial teórico, evidencia que o desenvolvimento da criança é uma passagem constante de menor estado para estado superior relacionando com o crescimento.

Ou seja, a professora tem estabelecida essa percepção e quando observa a dificuldade do corpo impactando no processo de raciocínio, organização e planejamento, ela intervém.

Para Violeta a relação do desenho com a escrita, está na organização do corpo, cita também a coordenação motora fina, o recorte, pintura, as formas geométricas, que segundo ela auxiliam no desenho e na escrita. Deu exemplo de alunos no início do ano que não sabiam fazer pintura e não se mostravam motivados para nada. Com os incentivos de lição de casa, conseguiram melhorar o desenho e no tempo livre em grupos gostam de desenhar personagens que lembram na memória, usam diversas cores, se não lembram na memória como é o objeto, pedem para colocar a imagem na internet. Vigotski, diz que um dos aspectos sociais para domínio do desenvolvimento do desenho é a ação motora, assemelhando-se.

Girassol, acredita que há relação entre a escrita e o desenho, no sentido de quanto mais a criança desenha, pinta, se expressa pelo desenho, no momento de escrever tem facilidade de registrar a letra, noções do espaço e uso da linha, assim maior domínio no uso do caderno.

As professoras Violeta e Girassol, acreditam que há relação entre o desenho e a escrita. Violeta traz exemplos de crianças que não sabiam pintar ou não gostavam de nada, apresentando um repertório restrito e talvez poucas experiências e estímulos para representações gráficas.

Há uma limitação nas respostas referente aos conhecimentos de letra, a noção de espaço e uso da linha. Já que Bromélia fala da importância do professor sempre estar estudando. A relação do desenho com o desenvolvimento da escrita pela criança, segundo a base teórica de Luria (1987) requer uma importância mediação do professor para promover ao aluno um movimento interno do pensamento, de funções de escolhas, de comparações e de lembranças. Primeiro o rabisco é imitação e brincadeira de modo espontâneo. Depois há surgimento de significado próximo do real, em que são transformados em figuras e signos, logo depois passa para o signo e começa a desenhar palavras pequenas de tamanhos pequenos e palavras grandes de tamanhos grandes e assim a escrita aos poucos vai tendo sentido e se desenvolvendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando decidi o tema "As contribuições e experiências envolvendo desenhos no trabalho pedagógico do professor, com crianças do 1º ano do ensino fundamental I", não compreendia a prática do desenho como uma linguagem a fundo. Pelas experiências do estágio, percebia que a atividade do desenho era recorrente entre as crianças. Observava que professores por falta de tempo devido a demanda das escolas, faziam uso do desenho livre para preencher o tempo, colorir a figura pronta, ou continuar o pontilhado da figura. Na maioria das vezes não tinha uma proposta pedagógica ou discussão dessa prática em sala de aula. A partir de então, com esse estudo pude perceber o quão valiosas são as contribuições e experiências envolvendo desenhos na prática de ensino e do trabalho pedagógico do professor, com as crianças.

A prática do professor e seus eventuais desafios, ocasionam o aprofundamento na pesquisa sobre a representação gráfica como uma linguagem, para então refletir sobre a intencionalidade com o desenho e também futura escrita.

Resgatando os objetivos definidos, como compreender a importância da intencionalidade na prática educativa com a linguagem, especificamente o desenho, envolvendo as crianças do primeiro ano no ensino fundamental I; conhecer as características do desenvolvimento e aprendizagem das linguagens das crianças; compreender o uso inicial do desenho como um recurso e aporte para o questionamento, exploração, representação gráfica e escrita pela criança, na perspectiva histórico-cultural, iniciamos a compreensão sobre o tema proposto.

Iniciamos o estudo compondo uma base teórica, a definição de criança e infância, conceitos importantes para ressaltar e perceber que o acesso à educação e o reconhecimento da criança em suas características, são recentes. Os documentos norteadores e leis que asseguram o bem estar e direitos que regem a criança como cidadã, que o brincar, se expressa, são características essenciais para a infância e pleno desenvolvimento e crescimento da criança e bem como as fases do ensino básico que o nosso país oferece. Trazer autores que compreendam as fases da infância, permitiu que ampliasse o repertório a respeito desse sujeito em fase de desenvolvimento que é a criança e que há uma necessidade de se comunicar dentro

de uma sociedade letrada, onde se está exposto a cultura, a história, as relações sociais, a política, sendo assim parte da vida do ser humano que interagindo com o meio faz uso da linguagem e do pensamento. A linguagem e o pensamento à medida que vão se desenvolvendo passam pelo processo das representações gráficas, escritas e fala. Com o tempo essas representações vão sofrendo alterações à medida que são estimuladas, bem como possuem uma finalidade para o indivíduo, que é se expressar e se comunicar com os outros.

A partir das informações coletadas nas entrevistas, pude perceber a realidade de cada professora e chegar a algumas considerações. A ausência de discussão sobre a prática do desenho no âmbito educacional ainda é frequente, a maioria das respostas foram de acordo com a bagagem que as professoras acreditam e levam nas suas práticas e outras foram investidos autonomamente ao longo da carreira.

Percebi que nas práticas relatadas muitos pontos foram relevantes e consegui relacionar com a teoria. Até teve algumas respostas que saíram um pouco do foco da entrevista, que também são realidades que poderiam gerar outras discussões.

Ao se referir às linguagens como auxílio à aprendizagem das crianças, não foi caracterizado como parte de um sistema simbólico, que de fato é um sistema que todos os seres humanos precisam para se comunicar e para as outras pessoas entenderem. Pensando na prática do desenho todas consideram importantes e que as crianças pedem isso, novamente ressaltam sobre a linha, espaçamento, pintura e manifestações, deixando um pouco de considerar a formação das representações simbólicas pela linguagem de um sistema de significantes (signos e símbolos) e o significado (objetos e acontecimentos), seria interessante se as professoras reconhecesse o desenho como uma atividade humana. E o desenho como aporte para a escrita, novamente relatam que auxilia na coordenação, espaços, organização, letra, rabiscos, vivências, uma professora fala da formação do professor o que não deixa ser relevantes, porém acredito que a criança compreenda que a língua escrita faz parte de um sistema de signos e que existem características como traços que podem ser imitação do adulto, sem função de signos, a passagem

de uma rabisco para um signo que busca lembrar algo e que a evolução da escrita se dá por vivências com desenhos.

Algumas respostas se apresentaram muito limitadas e repetidas referentes a corporeidade, a cores, linhas e espaços, que também foram aspectos importantes para a discussão. Mas se ausentou vocabulários que poderiam estar entre as falas, sobre o pensamento, sistema de signo, ou o desenho como representação simbólica. Duas das quatro entrevistas, mencionaram sobre a garatuja. Assim evidenciando mais uma vez a importância de ser debatido e refletido frente a equipe educacional sobre as contribuições e experiências com desenho para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Penso que para aquisição da cultura letrada, é necessário refletir sobre essas vertentes do processo da linguagem junto ao pensamento, de maneira sensível as vivências de vida dos indivíduos. Não é só mais um qualquer desenho. O desenho é uma representação gráfica que comunica o tempo todo, é uma maneira de se expressar e com o tempo vai se diferenciando com outros signos que são padronizados que partem de uma ideia humana para comunicação de uma sociedade. É importante a criança desenvolver essa capacidade de representação, de questionar, de ampliar o repertório, de nomear os objetos, identificar signos comuns.

Conclui-se então que para uma prática intencional, se faz necessária formação continuada dos professores, pois é na ação que se transmite o conhecimento que afeta diretamente a vida da criança. A criança se comunica de várias formas e a representação na primeira infância, é o desenho. É por meio da representação gráfica que haverá a comunicação da linguagem, do pensamento, da interação e da escrita. É a maneira da criança interagir com o mundo.

Dessa maneira, acredito que estudos como esse possam ser muito eficazes para motivar o professor em sua prática quanto a maneira de observar quem é esse estudante, quais são suas particularidades e quais contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem desse sujeito e ao uso de uma prática intencional com desenhos pode proporcionar. Oferecer para os estudantes possibilidades de diferentes linguagens, estimulando o questionamento e o senso crítico. Propor à escola meios e recursos para que os estudantes tenham acesso aos espaços,

tempos e brincadeiras. Possibilitar trocas de vivências e experiências entre os sujeitos e apresentar aos professores sobre essa prática e suas relevâncias.

Para uma futura evolução desta pesquisa tenho por sugestão, alcançar professores de alfabetização que estejam dispostos a formação continuada de uma prática intencional com desenho, afins de proporcionar o uso uma linguagem significativa da representação gráfica, como o desenho para a futura escrita de crianças em processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene. C. (2010). **Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita**. Construção psicopedagógica, 18 (17), 20-41. Disponível: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n17/v18n17a03.pdf>>.

ÁRIES, Philippe. **A descoberta da infância, cap I. p.50-68**. Editora Guanabara S/A. Rio de Janeiro/RJ, 1986. Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod_resource/content/2/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia_text.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso: 10/04/2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso:11/08/23.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.2018.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Imprensa Oficial, 2002.

BOMBONATO, G.A; FARAGO, A.C. (2016). **As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, 3 (1): 171-195. Disponível em:

<<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf>>.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1994.

FERRARI, F. M. **Desenvolvimento cognitivo: as implicações das teorias de Vigotsky e Piaget no processo de ensino aprendizagem**. Disponível em:<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4808/1/MD_EDUMTE_VII_2014_34.pdf>. Acesso: em 04/04/2023.

FRANCIOLI, Fatima Aparecida de Souza; STEINHEUSER, Débora Buss. **O desenho como atividade de imaginação e criação na infância**. Rev. Fac. Educ. (Univ. do Estado de Mato Grosso), Vol. 33, Ano 18, Nº 1, p. 29-52, jan/jun., 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4783/3669>>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176p.

HISTEDBR. Campinas-SP. 2016. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso: 15/04/2023.

LISBOA, Carla Lisboa; QUILLICI, Armindo; PRADO, Mariana do. **A concepção de infância presente no referencial curricular nacional da educação infantil - RCNEI**.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. 1ª ed. em português. São Paulo: Mestre Jou. 2004.

LOWENFELD, V. & BRITTAIN, W. L. (1977). **Desenvolvimento da capacidade criadora**. (3ª edição). São Paulo: Mestre Jou.

LURIA, A. **Materiales sobre la genesis de la escritura en el niño**. In: DAVÍDOV, Vasili; SHUARE, Marta (Orgs.). La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS. Tradução de Marta Shuare. URSS: Editorial Progreso, 1987. p. 43-70.

MELO, Lucimara Santos. **O desenho infantil e suas etapas de evolução**. Portal FSLF. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_2.pdf>.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). et al. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**; tradução Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva - 25 ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. 2.ed. rev. ampl. Porto Alegre: Penso, 2012.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky : uma perspectiva histórico-cultural da educação I Teresa Cristina Rego**.- Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

SABINO, Aline Morgana Aparecida Olmedilha; MACIEL, Thais Cristina. **Revista Educar FCE - Arte e Educação - 25^a edição - Volume 1, p. 10-19 e p. 753-762 - Dezembro - 2019. Disponível em: <<https://www.fce.edu.br/pdf/rev/Revista-FCE-25-Dez19.pdf>>.**

SANTOS, Rodrigo Otávio dos; RADVANSKEI, Sonia de Fatima; BACHMANN, Vanessa da Silveira. **Desenho na educação infantil: a importância e sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo e para a alfabetização**. Cadernos Cajuína, V. 3, N. 3, 2016, p.147 - 161. file:///C:/Users/20128336/Downloads/207-782-1-PB.pdf

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 - **Metodologia do trabalho científico / 23 ed. rev. e atual - São Paulo: Cortez, 2007.**

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos. **A Educação em Vigotski: prática e caminho para a liberdade. Educação e realidade**. Belém/PA. BRASIL. Disponível em :<<https://www.scielo.br/j/edreal/a/ZkmZLqzStG7gZknWBDxVRsM/?format=pdf&lang=pt>>.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1998.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A questão do meio na pedologia.** Psicologia USP, São Paulo, 2010, p. 681-701. Tradução Márcia Pileggi Vinha.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Imaginação e criatividade na infância.** Dinalivros. Portugal. 2012. Tradutor João Pedro Fróis.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância.** Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem/** Lev Semenovich Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução de: Maria da Pena Villalobos. - 11a edição - São Paulo: ícone, 2006. (Coleção Educação Crítica).

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem.** Edição Ridendo Castigat Mores. 2001. Disponível em:<<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>>. Acesso: 15/04/2023.

APÊNDICES

PESQUISA - BUSCAS REALIZADAS NO PORTAL PERIÓDICOS CAPES.

APÊNDICE 1	Assunto: Historicidade da infância.
	Busca: Simples.
	Resultados obtidos (quantidades): 50 resultados.
	Assuntos resultados (com filtro): *Infância (4 resultados); *2013-2023 (3 resultados).
	Justificativa: Leitura do resumo, título e análise do artigo que relaciona com a temática do TCC.
	Textos excluídos: 2.
	Link: https://revistas.usal.es/uno/index.php/1989-9289/article/view/24756/23461

APÊNDICE 2	Assunto: Educação Infantil e o Ensino Fundamental: A relação entre o Docente e as Teorias sobre o Desenvolvimento Humano.
	Busca: Simples.
	Resultados obtidos (quantidades): 1 resultado.
	Resultados (com filtro): Nenhum.
	Justificativa: Leitura do resumo, título e análise do artigo que relaciona com a temática do TCC.
	Textos excluídos: Nenhum.
	Link:

	https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/985/959
--	---

APÊNDICE 3	Assunto: As contribuições de Vigotsky aos estudos sobre a linguagem das crianças.
	Busca: Simples.
	Resultados obtidos (quantidades): 4 resultados.
	Resultados (com filtro): Nenhum.
	Justificativa: Leitura do resumo, título e análise do artigo que relaciona com a temática do TCC.
	Textos excluídos: 3.
	Link: https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/357/249

APÊNDICE 4	Assunto: O desenho como representação na infância.
	Busca: Simples.
	Resultados obtidos (quantidades): 24 resultados.
	Resultados (com filtro): *Desenho infantil (2 resultados).
	Justificativa: Leitura do resumo, título e análise do artigo que relaciona com a temática do TCC.
	Textos excluídos: 1.
	Link:

	https://periodicos2.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4783/3669
--	---

APÊNDICE 5	Assunto: Desenho infantil (E) Intencionalidade.
	Busca: Avançada (E)
	Resultados obtidos (quantidades): 4 resultados.
	Resultados (com filtro): Nenhum.
	Justificativa: Leitura do resumo, título e análise do artigo que relaciona com a temática do TCC.
	Textos excluídos: 3.
	Link: https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/9802/6489

APÊNDICE 6	Assunto: O desenho e o processo de alfabetização.
	Busca: Simples.
	Resultados obtidos (quantidades): 50 resultados.
	Resultados (com filtro): *Português (24 resultados).
	Justificativa: Leitura do resumo, título e análise do artigo que relaciona com a temática do TCC.
	Textos excluídos: 23.
	Link: https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/207/171

APÊNDICE 7 - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA I - Rosa (nome fictício)

Boa tarde Professora, tudo bem? Meu nome é Natasha, sou estudante de pedagogia e eu gostaria de agradecer a sua participação na minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso, para concluir meu último último semestre. Eu queria saber um pouco sobre a sua formação, quanto tempo você atua, se trabalha em escola privada ou pública, qual a faixa etária e o que te motiva na sua profissão, a escolher essa profissão?

Obrigada pela entrevista. Eu comecei a minha formação em 2011, eu entrei primeiro na escola, na escola privada e aí eu comecei a fazer a faculdade na área da educação porque gostava já de crianças, mas nunca tinha atuado nessa área, então faz 12 anos que eu estou na área da educação, comecei como auxiliar, como auxiliar de sala, depois auxiliar do integral por alguns anos e. E em 2016, foi quando eu ganhei a sala, então eu comecei a trabalhar com o segundo ano, fiquei alguns anos no segundo ano e agora fazem quatro anos que eu estou com o primeiro ano. Então a alfabetização para mim, eu gostei muito, gosto bastante, gostava muito do segundo ano, que também tem um pouco a ver com alfabetização, mas é o final, mas eu gosto mais do primeiro ano. E o que me motiva é ensinar as crianças, não é uma coisa fácil atualmente, mas é muito amor, tem que ter muito amor pelas crianças, tem que gostar bastante e eu gosto muito, gosto muito de estar com eles e trabalhar nesse meio.

*Muito bem, em relação ao uso dos **diferentes tipos de linguagens infantis**, o que você. Você pensa que pode ser um auxílio para a aprendizagem da criança? Tipo de linguagem, por exemplo, artística, de pintura, de dança, musical?*

Eu vejo assim, trabalhando nesse meio a gente começa a perceber que o lúdico é muito importante. Então, a motricidade, então a criança ela necessita disso. A arte, essa criação, tudo isso desenvolve, eles têm um desenvolvimento e isso ajuda muito. Então eu acho que é muito importante. Importante educação física, trabalhar a lateralidade das crianças. Tem muitas questões ali, a arte, então a criação, os

traços, então coordenação motora. Tudo isso é importante para a alfabetização também e para o desenvolvimento dos alunos.

Em relação a isso, você acredita que os conhecimentos. Os conhecimentos que essa criança traz de casa, da sua cultura, dos seus valores, interfere no desenvolvimento em relação à linguagem, principalmente no desenho?

Sim, também. Eu acredito assim, a criança desde pequena, desde em casa, quando ela é motivada, ela é incentivada também. Então, quando a família trabalha já com a criança, já conversa, já brinca com a criança, eles já vêm com uma bagagem. Então, isso ajuda bastante depois também no desenvolvimento na escola, mas ajuda sim. É importante também ser motivada em casa, ter acompanhamento com as famílias também. Não é só a escola, a gente trabalha em conjunto e é importante.

*Em relação a isso, os espaços, os recursos, a participação e o **olhar sensível do professor** pode ser considerado um estímulo para que a criança aumente suas experiências e vivências?*

Sim, cada local que a escola usa esses recursos é para trabalhar alguma coisa na criança, acredito que cada etapa cada criança precisa passar para crescer, desenvolver, nós trabalhamos autonomia, dentro de sala como fora, com atividades. Cada local é importante, cada recurso incentiva e estimula a criança a crescer muito mais, a ser mais criativo, a ter seu senso crítico, tudo isso desenvolve, é para o desenvolvimento do aluno.

*Quando você percebe que a criança sempre desenha a mesma coisa, tem um **repertório restrito**. Você observa tal situação ou passa despercebido?*

Não, eu observo já tive aluno e tenho aluno que faz né mas a gente orienta, para que ele faça outros tipos, por detalhes, vamos fazer outro desenho, vamos criar outra coisa, para que ele não fique engessado sempre naquilo que ele gosta, para que ele possa sair e criar mais, então também para perceber por que ele só desenha isso?, por que ele só fala isso?. Então cada atividade a gente elabora e também mostra para o aluno e direciona o que ele deve fazer, então mas é uma questão que deve ser bem olhado né, para saber o que acontece, por que que ele sempre desenha, e as mesmas cores, por que não faz os detalhes, então a gente tem que olhar sim, é importante. E também tenho um aluno esse ano que ele faz sempre o

mesmo desenho. Então se eu der uma folha de desenho livre, ele sempre vai fazer um lagarto, ele vai fazer um dinossauro e sempre com as mesmas cores. Quando é uma atividade que necessita que ele faça um desenho diferente ele faz, mas ele não consegue fazer detalhes, ele sempre fica preso no que ele tem na cabecinha dele sobre aquele tipo de desenho que ele está acostumado a fazer, então muitas vezes ele não consegue fazer um menino, o menino sempre parece um dinossauro. Então é um aluno que tenho trabalhado bastante com ele, falando para ele fazer detalhes, e como a gente pode desenhar de outra maneira, colocar mais informações no desenho, cenário, colocar um sol, uma nuvem, uma árvore, se não ele sempre deixa aquele desenho sem cenário nenhum, ele não tem noção do que tem ali em volta, então fica muito cru, sem cor, sem vida, o desenho dele é sempre igual.

*E para você, há uma **importância nas práticas com desenhos**, para o desenvolvimento das crianças ainda no início do primeiro ano durante todo o ano?*

Sim, através do desenho eles nos mostram né, muitas coisas que eles trazem de casa, então o que eles assistem, como é o tratamento em casa, as brincadeiras que eles já conhecem, então eles trazem e representam ali no desenho não só da escola mas da família também.

*Em relação assim, você acredita que essa experiência com o desenho ela pode ser um **desenvolvimento para escrita** da criança?*

Também, porque a criança, o traçado do desenho também ajuda no pegar no lápis, na grafia, então tudo isso é importante para o desenvolvimento da escrita, além de tudo da criação. Então ele vai. Por isso que a gente faz atividades que ele precisa desenhar, escrever, precisa montar um texto, uma frase, tudo isso está relacionado ao desenho.

Vou contar sobre uma aluna do ano passado, primeiro ano. Como foi na época da pandemia, voltando da pandemia. Essa aluna não frequentou muito a escola e estava com seis anos, e chegou para mim sem conhecer nenhuma letra, não conhecia a grafia, nenhum som de nenhuma letra, não sabia fazer nenhum desenho, só sabia fazer garatuja, nenhuma formas geométricas, para fazer um sol ela não conseguia, nem quadrado, nenhum desenho ela sabia fazer. Então foi um processo

que a gente foi mostrando, desenvolvendo ali, tanto o desenho como a escrita. Primeiro a gente começou com os desenhos, e com as formas geométricas, para fazer o círculo, ela não conseguia fechar o círculo. E aí com o tempo a gente foi trabalhando isso, trabalhando em sala e com as outras professoras também especialistas, e aí foi desenvolvendo a escrita, a grafia dos números, ela não conhecia, então a gente foi trabalhando para aprender a contar, somar, a quantidade. E foi um processo que foi difícil mas nós conseguimos. Foi pedido ajuda da família mas a família não ajudou tanto, a mãe trabalhava muito e não vinha muito nas reuniões mas ela era ciente do que ela precisava do acompanhamento.

Então tá bom, eu agradeço a sua participação novamente e com certeza irá contribuir muito para meu trabalho.

ENTREVISTA II - Bromélia (nome fictício)

Bom dia professora, meu nome é Natasha, eu sou estudante de pedagogia e gostaria de agradecer pela sua participação na minha pesquisa para conclusão do meu último semestre, com o trabalho de conclusão de curso. Me fala um pouco da sua formação, quanto tempo você atua, você é em escola pública, privada, qual faixa etária que já deu aula e o que te motiva a escolher essa profissão?

Eu trabalho com educação desde os meus 17 anos de idade. Já faz 21 anos que eu tô aqui trabalhando com a educação infantil e o primeiro ano. Eu fiquei 18 anos na educação infantil, com crianças de 2 a 5 anos e faz 2, 3 anos que eu tô com o primeiro ano. E a minha formação é pedagogia, depois eu fiz pós-graduação em psicopedagogia, neuropsicopedagogia, fiz letramento e alfabetização, fiz sobre o alfabetismo. Autismo, o ABBA, sou habilitada no ABBA. Terminei recentemente o PDI, projeto de desenvolvimento individual para a gente fazer projeto para crianças que têm dificuldade de aprendizagem. E agora vou começar uma outra pós de neuropsychologia. O que me motiva? Sempre trabalhei com crianças, então antigamente, não faz muito tempo, a gente não via tantos, vamos dizer, transtornos, tá? Hoje a gente vê muitos transtornos, antigamente não. Era mais uma dificuldade de aprendizagem. Hoje eu vejo muito transtorno. Também vejo crianças que ficam

10, 9 horas numa escola e a família não está tão presente. E as dificuldades também vêm, mas também vejo um pouco da falta da família, né? A minha motivação hoje é, em si mesmo. Ajudar essas crianças, principalmente essas crianças que são muito quietinhas, tem muita prática aí que fala, ah, os quietinhos não dão trabalho, mas a gente tem que olhar mais os quietinhos, porque quem, vamos dizer, entre aspas, dá trabalho, a gente tá vendo, a gente tá em cima, né? Então assim, eu gosto muito de trabalhar nos extremos, ou com muito quietinho, que o que que tá acontecendo com ele, ou é um emocional que está bem afetado, ou é alguma coisa em casa que tá acontecendo, ou essa criança tem muita vergonha, é muito tímida, também tem alguma coisa por trás. E essa criança que é muito agitada, essa criança que grita, que chora, que se joga no chão, a gente também tem que olhar, né? E os transtornos, tem muito transtorno de aprendizagem, a gente não sabe tudo, a gente tá sempre aprendendo, né? Então, cada dia eu aprendo com a criança. Eles. E o que eu amo é pegar o começo do ano, ver aquela criança no começo do ano e a gente trabalha, a gente pede pra família, a gente está sempre em parceria com especialista, com outros professores, com a equipe pedagógica. E no final do ano ela é uma outra criança, né? Aqui dentro da sala eu vejo tudo isso. Tudo que eu te falei aqui dentro da sala tem. E tem aquela criança que ela não conseguia entender o que era uma vogal e agora em outubro ela já consegue ler palavras simples e ela nunca demonstrou que tinha uma dificuldade, né? Não posso dizer que é uma dificuldade, mas ela nunca mostrou assim que ela não conseguia, que ela não escutava letra, que ela não entendia que som que era aquele e ela foi desenvolvendo. Ah isso, sabe? Acho que é uma das coisas que mais me segura, né? Tem hora que eu penso em desistir e eu penso. Nossa, como eu penso, porque é a cansaça, né? No dia a dia, a gente bate na trave, ah, eu não vou conseguir, mas aí a gente olha para aquela criança que desenvolveu, ai, dá um gás, né? Dá um orgulho, né? Tá. Da nossa prática, a gente vê o resultado assim, né? É, é o resultado. Certo.

*Em relação aos diferentes **tipos de linguagem infantil**, né, linguagem verbal, musical, artística, você pensa que pode ser um auxílio para a aprendizagem da criança?*

Sim, principalmente aquela criança não verbal. O que que é isso? É uma criança que, vamos falar do autista, tá? Aquela criança que tem cinco anos, seis anos, ainda

não fala, né? Mas ela sente tudo em volta dela. A música ela sente, porque ela tem ritmo, ela escuta, né? Uma criança não verbal, a gente faz a rotina. Para ela verificar visualmente, ela consegue ver onde ela vai, agora é lanche, agora eu vou para o parque, agora tenho uma atividade, então tudo assim, que não precisa ser tudo no papel. Eu acredito que o corpo primeiro sente, depois que vai para o papel. Eu sempre trabalhei na minha vida inteira disso, desde os pequenininhos eu trabalhava. Primeiro é o corpo, eu tenho um corpo, eu tenho uma cabeça, eu tenho um pé, eu preciso saber que ele existe. Depois que eu vejo que ele existe, que eu tenho uma mão que eu consigo segurar algo, aí eu vou trabalhar essa coordenação grossa para a fina, para a gente ir para o papel. Então dá sempre para trabalhar música, principalmente música, dá trabalhar com figuras coloridas que chamam muita atenção, dá para trabalhar no chão com materiais concretos que ela precisa segurar, que ela precisa enxergar, ela precisa. Sentir, né, esse sensorial é muito importante. Eu trabalho muito com papel, porque eu tenho apostila, eu tenho papel, né, para trabalhar, mas eu acredito demais no corpo, eu acredito demais no sensorial, né, o pé no chão, né. Antigamente, lá na educação infantil, eu ficava muito descalça com as crianças, então tudo era chão, tudo eu tinha que pegar, tinha que sentir. Eu acredito muito que todas as linguagens faz parte da criança, né, não só a fala, mas como o visual, a audição, o paladar, todos faz sentido para essa criança, né. Isso é tão importante, né, a educação infantil trabalha durante esse sensorial, e até o musical, né. Uma criança não verbal, ela precisa disso, né, ela tá tentando falar, ela tá querendo dizer alguma coisa, você olha para ela e já sabe que ela tá querendo dizer o que ela quer, né. Eu não sei se era isso que você queria. Era assim.

E aí quando você percebe que essa criança vem pro primeiro ano, ela vem com essas linguagens ou falta um pouco?

Ainda falta. Falta muito. Porque a nossa educação ainda não está preparada para trabalhar esse sensorial. Agora que ela está descobrindo a nossa educação que existe um corpo, que tem um sensorial por trás. Mas quando chega aqui no primeiro ano, ela ainda está cru. Vamos dizer assim, né? Ano passado tinha uma criança síndrome de Down. Então ela tinha que explorar o espaço, né? Ela não conseguia ficar o tempo todo sentada, que faz parte. Então ela tirava o sapato, ela comia material, comia borracha, então ela trabalhou o ano inteiro. Quando nós chegamos lá no final do ano, ele já tinha essa capacidade, essas habilidades de entender onde

ele estava, cadê o sapato dele, colocar o sapato. Ainda falta bastante. A gente chega lá ainda.

Ainda mais pós pandemia, né?

Ano passado. Exatamente. A pandemia, ela veio modificar. Eu acho que assim, nada acontece por acaso, né? Os pais conheceram o filho que tem em casa, né? As crianças, elas se tornaram crianças assim, ai que medo de pisar no chão, não podia se sujar. Quando nós voltamos da pandemia, muita criança não sabia o que era pisar no chão, colocar o pezinho no chão, não sabia o que era se sujar, não sabia o que era conversar com o outro. Então mudou. Então eu acho que veio pra mudar a educação.

*Os espaços, recursos, participação e **olhar sensível do professor** pode ser considerado um estímulo para que a criança aumente suas experiências e vives com desenho, no sentido, por exemplo, de criatividade, espontaneísmo, né? Essa mediação intencional. Você acredita que é importante?*

Eu acredito, saindo lá do nosso sensorial, a criança chega pra desenhar, muitas chegam aqui não sabendo que é um desenho, elas não sabem desenhar, ainda tem criança que faz palitinho, corpo palitinho, muita criança, eu estou impressionada esse ano, sabe? Tem criança que não sabe desenhar, tem criança que não sabe pintar, não sabe respeitar o espaço, é lógico que o desenho traz pra gente uma imagem, traz pra gente uma fala, né? Nós, pedagogos, tem muitos que não sabem olhar pro desenho e distinguir o que aquela imagem está falando pra gente, é mais pra base do psicólogo, né? Mas dá pra gente perceber o que essa criança quer transmitir pra gente, né? E o desenho, se é colorido ou não, se é pouco desenho, se é pequenininho, se é grande, dá pra gente entender.

*Quando percebe que a criança sempre desenha a mesma coisa, tem um **repertório restrito**. Você observa tal situação ou passa despercebido?*

Não, eu sempre falo assim pra ela. Por que você desenha aqui? Eu peço pra ela trazer o que ela desenhou, porque ela pode desenhar um avião e daqui dois minutos é uma lagartixa, né? Então ela traz a história dela e aí eu tento, junto com ela, falar: O que mais que tem? De onde ele veio? Nossa, que cor que é isso? O que que ele come? Então eu tento trazer algo pra ela, porque tem muita criança que não é

criativa, né? Não tem repertório de leitura em casa, não tem uma conversa. Então assim, é a mesma coisa. Então eu tento trazer pra ela outras coisas, né? O habitat, como que é o corpo, qual é a textura. Então eu tento trazer. Ai, o que você mais pode fazer? Instigar essa criança? Nossa, desse tamanho pequenininho. É? Pode aumentar? Eu trago sempre. Pra eles.

Então, aquilo que ela traz de casa, por exemplo, aquilo que ela traz da sociedade, da cultura, dos seus valores, isso interfere no desenho?

Eu acredito que sim, porque tudo que está enraizado, familiar, o que ela aprende, o que ela vê na escola, o que ela vê na família, ela traz consigo no desenho, na pintura. Um exemplo, quando a criança está brava, com raiva, faz um desenho de qualquer maneira, pinta de qualquer maneira, e quando ela está calma também, o desenho sai diferente, mas traz sim tudo, a bagagem dela cultural traz sim no desenho.

*E na sua prática pedagógica, você vê a **importância dessa prática com o desenho para o desenvolvimento das crianças no início do primeiro ano, durante o ano todo?** Você acha que é importante ter essa prática do desenho no primeiro ano?*

Eu acho que sim, porque através do desenho que ela vai manifestar. Os sentimentos dela, né? Na pintura, pode ser uma pintura muito forte, uma pintura clara no desenho, com muita garatuja, com muito rabisco, ela traz sim com ela um sentimento de se expressar se ela não sabe e não consegue falar, ela expressa pelo desenho, acho muito importante. E mesmo porque no começo do ano e quando nós voltamos de férias, eu peço para elas fazerem um desenho, sabe? Eu estou demonstrando as férias, como que foi as férias. Logo no começo do ano, quando eu não conheço a criança, eu quero saber o que ela traz da bagagem dela. Ela sabe desenhar? Ela sabe pintar? Ela sabe descrever alguma coisa que ela aprendeu no ano anterior? Eu acho importante.

*E você acredita que essa parte da representação gráfica é um aporte para o desenvolvimento da **representação da escrita para alfabetização?** Você acredita que isso ajuda ou não? Você pode me dar um exemplo também, se você tiver?*

Sim! Tem, é por isso que a gente estuda desde a garatuja, né? A criança começa lá atrás desde pequenininhos, rabisco, mas não é rabisco, é uma forma dela desenhar,

se expressar, né? E aí ela vai aprendendo a desenhar, vai desenvolvendo o desenho dela. Quando chega lá no primeiro ano, o desenho dela já é portas para alfabetização, né? Por que eu falo isso? Crianças que desenharam muito bem, você pode observar que a alfabetização dela é muito boa. Ela consegue escrever com uma letra legível para a gente entender. Cai muito dentro da alfabetização esse negócio, porque traz uma bagagem. Eu tenho aluno aqui esse ano que a alfabetização dele já começou, mas a letra dele não desenvolveu, e o desenho dele não desenvolveu, ele não consegue desenhar, é rabisco. Só rabisco que ele não consegue. Tem assim um histórico de toda parte sensorial, que ele não consegue, de jeito nenhum, nem andar e ele cai pro próprio pé. E é uma bagagem que ele traz desde pequenininho e aí a família já procura uma intervenção, uma terapeuta ocupacional pra ajudá-lo a desenvolver o corpo, que é através do corpo que vai desenvolver a coordenação motora fina. E também eu vejo que a alfabetização dele também está travada. Então é um bloco, tá tudo junto. Eu falo que é um corpo, né? A gente não anda sem as pernas. Ah, eu vou deixar minha perna pra ir ali e voltar. Não. A alfabetização é um todo, faz parte do desenho, faz parte do sensorial, faz parte de todo o nosso corpo. Sem o nosso corpo a gente não consegue aprender.

Então tá bom. Agradeço a sua participação na minha pesquisa. Com certeza vai contribuir muito. E muito obrigada.

Imagina.

ENTREVISTA III - Violeta (nome fictício).

Olá professora, bom dia tudo bem? Então eu gostaria de agradecer sua participação na minha pesquisa para a conclusão do meu trabalho de curso né, meu nome é Natasha e eu sou estudante de pedagogia. Vamos começar? Me fala um pouco sobre a sua formação, quanto tempo atua, escola privada, pública, e qual a faixa etária?

Eu trabalho, sou professora, faz 18 anos, mas já fui auxiliar também, trabalho na rede privada, tenho formação de magistério e tenho formação de pedagogia. E o que te motiva a escolher essa profissão? Na verdade, eu não tinha nunca pensado em

ser professora, mas quando eu estava no ensino médio, a gente foi estudar no Carlos Gomes, que era o magistério, e durante o ensino médio eu me apaixonei pela pedagogia, então por ter feito o ensino médio voltado ao magistério, eu me apaixonei e fui fazer a pedagogia. Como faculdade. Foi no magistério que me despertou.

Ai, que legal. Então, falando um pouco sobre isso, né? Em relação ao uso dos diferentes tipos de linguagem infantil, você pensa que pode ser um auxílio para a aprendizagem da criança?

Sim. A partir do momento que você faz a musicalização, a arte, tudo isso desenvolve no corporal da criança. Então, na coordenação motora mesmo da criança e isso vai ajudar ela tanto na escrita quanto na leitura, porque ela vai ter o controle do corpo, o controle das mãos, que é muito importante para todos esses momentos.

Na perspectiva daquilo que a criança traz, de conhecimento de casa, sociedade, valores, você acredita que isso interfere no desenvolvimento desse aluno?

Interfere e ele, além de interferir no que a criança. Que a criança faz, ela vai nos dar conhecimentos. Então, assim, eles trazem muitas coisas de casa que, às vezes, um não faz, o outro não faz e esse conhecimento acaba despertando curiosidade para poder aprender.

*E os espaços, os recursos, a participação, **olhar sensível do professor**, você considera um estímulo para que a criança aumente suas experiências e vivências?*

Sim, o trabalhar individual com cada criança é importante, porque dentro de uma sala de aula não é todo mundo igual. Então, cada um vem com uma bagagem, cada um vem com uma experiência, cada um vem com um estilo de família e que a gente precisa olhar individual cada um para saber como faz, como desenvolver a criança da melhor maneira.

*Para você, **a importância nas práticas com desenho**? Para o desenvolvimento da criança no primeiro ano?*

Muito, porque a criança que consegue pintar dentro de um limite, desenhar da forma clara, ela consegue ter uma letra mais uniforme, ela consegue, quando passa para a letra cursiva, ela consegue fazer os movimentos adequados, então a pintura e o desenho ajudam muito no desenvolvimento da criança.

*Enquanto você percebe que a criança sempre desenha a mesma coisa, tem o mesmo **repertório restrito**, você observa a situação ou passa despercebido?*

A gente olha, eu no caso, o que eu faço? Eu observo, a criança pinta o céu de preto. Por que você pinta o céu de preto? Que cor é o nosso céu agora? Na noite é preto. Por que você está fazendo só flores vermelhas? Olha para fora, olha na janela. Mostrar como que é essa realidade, entender porque é preto. Que é essa realidade? Entender por que a criança usa só essa cor. Então, por exemplo, que eu amo o vermelho, mas quais cores você tem dentro do estojo? E conversando, mostrando, tanto a natureza em si, o ambiente em si, quanto vídeos na internet, de como fazer, como que eu posso providenciar e assim.

*E você acredita que, como você já mencionou um pouco, mas isso seria uma, essa representação gráfica, ela teria relação com a **representação da escrita para alfabetização**?*

Porque deixa a criança organizada de corpo, né, a coordenação motora fina, daí também isso melhora muito, então saber o recorte, saber a pintura, saber o desenho, isso tudo ajuda muito. Por isso que é muito importante também trabalhar as formas geométricas, que dentro delas a gente consegue fazer vários desenhos. Você teria algum exemplo, assim, de aluno, alguma coisa, para dizer? Que faz esse tipo de... Que teve alguma, assim, alguma experiência? Eu tenho aqui alunos que no começo nem fazer pintura eles faziam, então assim, não faz pintura, não gosta nada, e aí a partir das lições de casa, dos incentivos em sala de aula, começou a pintar, fazer as pinturas dos desenhos, conseguiu melhorar o desenho em si. Hoje, quando é tempo livre, escolhe fazer desenho livre, eles sentam em grupos para poder fazer, pega o personagem e faz esse personagem, representa, olha a cor, presta atenção. Se não lembra, na memória pede para colocar isso na internet para eles poderem copiar, então isso é muito importante. E aí essa criança que não fazia pintura, que tinha uma letra sem forma, cada um de um tamanho, fora da linha, passou a ter isso, dentro da linha, a letra tudo do mesmo tamanho, foi um progresso bem grande. Ai, que legal!

Assim, muito bem, eu agradeço, finalizo a entrevista, agradeço a sua participação.

Ah, imagina! Muito obrigada!

ENTREVISTA IV - Girassol (nome fictício)

Boa tarde professora, como vai? Meu nome é Natasha, sou estudante de pedagogia e gostaria de agradecer sua participação na minha pesquisa para a conclusão do meu trabalho de curso. Para começar gostaria que me falasse sobre a sua formação, quanto tempo atua, escola privada, pública e qual a faixa etária?

Eu sou formada em pedagogia desde 2010, sou da turma de 2006 da UNIP, Universidade Paulista. Na época eu consegui uma bolsa de estudos do ProUni, então me ajudou a manter no curso, manter a faculdade. Eu não trabalhava na área, eu trabalhei muito tempo em empresa, na parte administrativa, mas a bolsa de estudos foi que me ajudou, assim, a continuar, a permanecer na faculdade devido às condições financeiras da família, que não era fácil. Atualmente eu sou professora da Rede Municipal de Educação de Campinas, tenho cargo de PEB II, que é professor de Educação Básica, nível 2 de Anos Iniciais. Do primeiro ao quinto ano. Em Campinas é separado os concursos públicos da educação infantil para os anos iniciais, então a gente tem PEB 1, que são os professores que prestam concursos para o cargo de professor de educação infantil e PEB 2, os professores que prestam concursos para o cargo de professores do anos iniciais, do primeiro ao quinto ano. Estou na rede municipal desde 2016, então já tem mais de sete anos aí no cargo. Eu eventuei um tempo no estado, em 2015 mais ou menos, foi um ano que eu eventuei, dava aula para ensino médio como professor eventual, que foi uma experiência mais para mim, adquirir uma experiência de sala de aula mesmo, antes de tomar posse do concurso que eu estava guardando a convocação. Eu só não trabalhei com o segundo ano de anos iniciais. Mas do primeiro ao quinto, eu já trabalhei com o primeiro, com o terceiro, com o quarto, com o quinto ano. Há mais tempo, né, eu tô há mais anos com o primeiro ano.

Eu estou, Natasha, nos últimos três anos trabalhando com o primeiro ano. Já trabalhei em 2017 e venho agora nos últimos três anos pegando aí pandemia, depois o retorno para o ensino presencial na questão do semi-presencial, com o revezamento que foi realizado no atrasado, 2021, foi o retorno do pós-pandemia também com o primeiro ano. Peguei também o quinto ano em 2020, então naquele

ensino remoto, o ano todo devido à pandemia. Depois de 2021 eu tinha esperança do ensino presencial, então eu fui para o primeiro ano com uma parceria, com uma amiga bacana que faz um trabalho de jogos com o primeiro ano para desenvolver as questões da matemática. Só que, no final das contas, a pandemia continuou no primeiro semestre, aquela questão do remoto, mas foi uma experiência. Interessante, depois de revisamento, no último mês do ano, novembro, que teve o retorno ali das turmas, isso é 2021, né? E em 2022 eu permaneci com o primeiro ano, 2023 continuo com o primeiro ano, então, alfabetizar é muito gostoso, né? Eu entendo que no primeiro ano as respostas são muito rápidas, você vê ali o resultado do trabalho de forma muito rápida e é muito visível, a criança começar a ler, a criança começar a escrever, fazer a leitura do nome, fazer escrita do nome, mas também fazer, você coloca ali determinadas palavras na lousa, algumas crianças já identificando, já fazendo a leitura para você e isso a gente vê nesse segundo semestre, neste último trimestre de trabalho, então é uma resposta muito potente, né? Muito rápida e muito gostosa do primeiro ano, apesar que o primeiro ano é um desafio, né? Porque você tem a fase da adaptação. É uma ruptura grande. A criança sai da educação infantil onde tem um ritmo de escola para chegar no ensino fundamental e entrar em um outro ritmo, ensino fundamental, mais professores, os especialistas. Apesar de ter ainda o professor referência, o polivalente pedagogo na sala, nós temos também o professor de arte, nós temos o professor de educação física. São tempos diferentes, é uma rotina diferente, então tem todo esse trabalho de adaptação.

*Muito bom, nessa perspectiva, em relação ao uso dos **diferentes tipos de linguagens infantis**, você pensa que pode ser um auxílio para a aprendizagem da criança?*

Quando você fala das linguagens, do desenho, é algo muito muito gostoso de ver, de ter essa percepção e o meu olhar, assim, bastante nesse início de ano vai para o desenho e para como está esse desenho da criança, em que faz o desenho ela está, e principalmente para esse início de alfabetização, da pegada do lápis, do movimento de pinça, como ele está pegando, como ele está fazendo, essa criança está. Conseguindo desenvolver essa pegada, como está a coordenação motora fina

dessa criança. É isso que eu olho bastante, principalmente nesse começo de ano, que a gente tem que desenvolver bastante para poder entrar nesse processo de, depois de algumas semanas, de alguns meses, o uso do caderno e tudo mais.

E aquilo que a criança traz de conhecimento (casa, sociedade, cultura, valores) interfere no desenvolvimento da mesma em relação a linguagem (representação pelo desenho)?

A questão das vivências, elas são muito importantes, a vivência da criança, o que a criança traz para a escola, e elas são representadas de diferentes formas. No momento de roda é muito importante, principalmente na segunda-feira, eles adoram compartilhar o que, como foi o final de semana, se foi muito legal, se foi muito divertido, se foi gostoso ou se também não foi bom, como tem muitos casos. Então chega na segunda-feira, na hora da roda, na hora de compartilhar algo ou conversar com a gente na sala, eles querem contar, eles gostam de trazer essa partilha e muitas vezes também é representado através do desenho. Como foi o passeio, pessoas muito queridas, a gente vê muita vovó representada nos desenhos, que são pessoas que eles amam, pessoas que eles convivem, coisas que eles gostam, então traz aí através do desenho também representado.

*Na questão da sua atuação, quando percebe que a criança tem um **repertório restrito**? Você observa tal situação ou passa despercebido?*

Observo sim a questão das cores, se elas gostam de fazer um desenho colorido. Como é a pintura dessa criança, como que ela usa o espaço, o espaço é todo, o espaço do papel ali do desenho, como que eles preenchem esse espaço, ele é completo, como que é representado o corpo humano, a figura humana, inclusive é um dos conteúdos do primeiro ano, como que eles representam o corpo humano através do desenho. Esse ano em específico, Natasha, eu tenho dois alunos, têm habilidade em Arte, então assim, afinar o olhar, olhar esses desenhos, ver como eles estão desenhando, e esses dois alunos destoavam bastante, faziam desenhos assim, uma coordenação motora fina muito desenvolvida. Eu tenho um aluno que ele, para copiar os desenhos, quando ele olha algum desenho, ele faz a cópia

perfeita, você parece que tirou uma cópia assim, de tão bom como que é o desenvolvimento motor dessa criança, ele faz desenhos assim muito bem feitos, já o outro é uma criatividade, é uma mão solta, inclusive a pegada do lápis dele é diferente, ele não faz esse movimento de pinça, ele pega, ele tem uma pegada diferente no lápis, e assim, tanto para a escrita quanto para o desenho. Aí o professor de arte, ele me chamou e falou, Aline, eu acho que o Miguel, ele tem um, ele pode ser alta habilidade em arte, porque os desenhos dele são muito, são diferentes, assim, ele tem uma coordenação motora fina muito boa. E acho que nós deveríamos falar com a professora de educação especial. Aí eu falei pra ele, eu falei assim, olha, dá uma olhadinha no trabalho do João, porque o trabalho dele também, se o Miguel for de alta habilidade, eu acredito que ele também possa ser. E aí conversando, realmente, esses dois alunos eles destoam muito de um desenho de primeiro ano. E aí nós preenchemos toda a documentação. A prefeitura de Campinas hoje faz um trabalho de observação dos possíveis alunos com a alta habilidade. Então, nós preenchemos alguns relatórios, fazemos algumas avaliações e a equipe de educação especial passa a acompanhar essas crianças através da sala de recursos. E ali eles têm um processo, um período que vão ser avaliados, ali eles vão trabalhar e ver se realmente são auto habilidade ou não. Então, esses meus alunos já estão frequentando sua aula de recursos, já estão nesse processo de avaliação e tudo indica que sim. Eu posso dizer que são diferentes um do outro, no caso do Miguel, como uma criança que ama, por exemplo, dinossauros, ele olha o desenho, ele faz de uma forma perfeita no papel. Já o João é uma criatividade, ele preenche todo o espaço, ele cria uma história, ele desenvolve personagens ali. Então, duas linhas diferentes de trabalho e geniais, assim, são lindos os trabalhos deles. E pequenos, né, ali, primeiro aninho, com um trabalho tão lindo. Né, tão bonito, através do desenho. Eu acho isso também importante falar essa coisa de afinar o olhar para o desenho, né. Inclusive o Miguel, ele já tinha sido meu aluno, foi um aluno retido por faltas, é algo que a família, né, esse ano tá cuidando aí, melhorou. E o João, não. O João, seis aninhos, primeira vez no ensino fundamental, o Miguel, não. O Miguel já era retido e eu sempre olhava, falava nossa, ele tem uma coordenação motora fina tão boa, ele tem uma letra tão bonita, tão bem feita, e isso só foi se aprimorando. E aí o professor de arte teve esse olhar diferente pra ele, pra esse aluno específico. Aí, afinando esse olhar, ele falando pra mim, né, olha, eu acho que pode ser, eu identifiquei o João. Então, afinar esse olhar para o desenho,

uma possível auto habilidade, o que seria uma auto habilidade, até que ponto é um desenho ali para um aluno dessa idade, eu acho que vale a pena, inclusive, de mais informações aí enquanto professora.

*Para você há **importância nas práticas com desenhos**, para o desenvolvimento das crianças ainda no início do primeiro ano de ensino fundamental I?*

Os desenhos são muito importantes para a criança, principalmente no primeiro ano, e eles pedem isso, né? Professora, posso desenhar? Professora, vamos desenhar? Então a gente sempre tenta trabalhar aquele tema específico da aula ou uma literatura, ou que nós vamos trabalhar e atrelar algum desenho também, de alguma forma, e colocar algum desenho, porque eles gostam, eles sentem essa necessidade de se expressar através do desenho.

*Para você a experiência com a representação gráfica - desenho tem alguma relação com o desenvolvimento da **representação da escrita** pela criança?*

Sim, tem muita relação. Eu vejo que a criança que mais desenha, a criança que mais pinta, a criança que se expressa mais pelo desenho, ela tem uma facilidade maior na hora da grafia da escrita, na hora de fazer as letras, na hora de escrever as palavrinhas, ela consegue ter um domínio maior do espaço. Quando a gente passa para o uso do caderno, da linha, do espaço do caderno, ela consegue ter um domínio maior nessas questões.